

Representatividade

José Roberto Ricken, coordenador do G7 do PR, grupo que atua na defesa do setor produtivo, fala sobre o papel da entidade, reconhecimento e demandas para 2020.



Crédito: Mídia Vireio

Economia circular

O que é? Quais são as perspectivas para o futuro?

Da matéria-prima aos resíduos, modelo traz soluções para além do financeiro



LEGISLAÇÃO

Sistema do eSocial passa por mudanças e simplifica exigências para segurança e saúde

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO

Após perder posição no mercado, setor do vestuário se une para voltar a crescer



INOVAÇÃO E TECNOLOGIA PARA A INDÚSTRIA

O Senai atua em toda a cadeia produtiva da sua indústria com serviços de Inovação e Tecnologia: cursos profissionalizantes, consultorias voltadas à cultura da inovação, e Institutos Senai de Inovação e Tecnologia para testar, certificar e criar a tecnologia que a sua indústria precisa.

Isso é a inovação e tecnologia. Isso é o Senai evoluindo a sua indústria.

Acesse:

senai.org.br/tecnologiaeinovacao

Sistema
Fiep

FIAP
SESI
SENAI
IEL

SENAI



SEGURANÇA E SAÚDE AUTOSSUSTENTÁVEL

O Sesi atua no ciclo produtivo da sua empresa com serviços de Segurança e Saúde que cobrem desde saúde ocupacional, até programas e consultorias para melhorar o ambiente de trabalho, diminuir custos com acidentes e faltas, e aumentar a longevidade e a qualidade produtiva.

Isso é segurança e saúde autossustentável. Isso é o Sesi protegendo os trabalhadores e os resultados da sua indústria.

Acesse:
sistemafiep.org.br/segurancaesaude

Sistema Fiep FIEP
SESI
SENAI
IEL **SESI**

NESTA EDIÇÃO

■ **LEITURA RÁPIDA . 05**

■ **PALAVRA DO PRESIDENTE . 06**

■ **VIÉS . 07**

■ **FALOU E DISSE . 07**

■ **AÇÃO SOCIAL . 08**

■ **OPINIÃO . 09**

Mariciane Pierin Gemin

■ **ENTREVISTA . 11**

José Roberto Ricken

■ **SAÚDE E SEGURANÇA . 14**

Boas práticas que vão além do exigido por lei

■ **CAPA . 18**

Economia circular é o novo paradigma para a indústria

■ **EDUCAÇÃO . 25**

Os eventos de Ciência, Tecnologia e Empreendedorismo para jovens

■ **PLANEJAMENTO . 28**

Setor do vestuário se une para retomar crescimento



Crédito: Gerson Bampi

■ **LEGISLAÇÃO . 31**

Mudanças no eSocial facilitam inserção de dados de saúde e segurança

■ **TECNOLOGIA . 35**

O impacto do 5G na produção e na indústria 4.0

■ **SUSTENTABILIDADE . 38**

O projeto de reflorestamento de uma destilaria do litoral

■ **RESPONSABILIDADE SOCIAL . 42**

CPCE reúne exemplos de sucesso de ações socioambientais

■ **DA TERRA DOS PINHEIRAIS . 46**

docg. – empresa de cosméticos para pets – traz inovação e pioneirismo ao PR

■ **GENTE DA INDÚSTRIA . 49**

■ **GIRO PELOS SINDICATOS . 50**



Crédito: Arquivo Apetit



24ª Sondagem Industrial

O ano de 2020 deve ser promissor para a indústria. É o que esperam 80% dos industriais do Paraná, segundo a Sondagem Industrial, pesquisa anual da Fiep, realizada em dezembro de 2019, que disponibiliza um panorama do desempenho atual do setor e serve de orientação para as práticas e estratégias para o próximo ano. Refletindo a expectativa positiva para 2020, mais de 82% dos empresários pretendem realizar investimentos. A Sondagem Industrial ouviu indústrias de tamanhos e portes diferentes, de todas as regiões do Estado.

Desafio de Dados

Colaboradores do Observatório Sistema Fiep conquistaram os três primeiros lugares no 1º Desafio de Dados, realizado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). A competição teve como tema “Explorando os Resultados do Saeb* 2017: uma jornada em busca de novas metodologias e cenários preditivos não descritivos”.

* Saeb: Sistema de Avaliação da Educação Básica



Startup incubada no Sistema Fiep ganha aporte no Shark Tank Brasil

A Cycor Cibernética, atualmente acelerada pelo Sistema Fiep, trabalha com alta tecnologia com foco principal em saúde e acessibilidade. No caso, criou um exoesqueleto que permite que pessoas com paraplegia ou tetraplegia levantem, andem e sentem. Em outubro de 2019, Michele Souza, CEO e diretora de desenvolvimento da startup, participou da quarta temporada do programa Shark Tank Brasil e conseguiu investimento dos cinco “tubarões” – fato inédito na edição brasileira do programa.

Prêmio IEL de Estágio

Os vencedores da etapa regional do Prêmio IEL de Estágio, realizada em agosto de 2019, na Fiep, fizeram bonito na etapa nacional. Na categoria “Estagiário destaque”, Arthur Henrique Goltz, de Curitiba, conquistou o 3º lugar. O Sindicato das Empresas de Eletricidade, Gás, Água, Obras e Serviços do Estado do Paraná (Sineltepar) ficou em 4º lugar na categoria “Empresa destaque – micro e pequena empresa”. Já a empresa Aker Solutions conseguiu o 3º lugar na categoria “Empresa destaque – grande empresa”. A Federação das Indústrias da Bahia (FIEB) recebeu o evento de premiação.

SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARANÁ

PRESIDENTE

Carlos Valter Martins Pedro

SUPERINTENDENTE DO SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA (SESI) E INSTITUTO EUVALDO LODI (IEL) E DIRETOR REGIONAL DO SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL (SENAI)

José Antonio Fares

A INDÚSTRIA EM REVISTA É UMA PUBLICAÇÃO OFICIAL DO SISTEMA FIEP

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

Edilane Marques

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Elvira Fantin (2152/DRT-PR)

EDIÇÃO, PROJETO GRÁFICO, ARTE E DIAGRAMAÇÃO

433 AG - 433.ag

BANCO DE IMAGENS

Shutterstock

IMPRESSÃO

Hellograff Artes Gráficas Ltda.

TIRAGEM

10 mil exemplares

Comentários, críticas e sugestões, escreva para:

aindustriaemrevista@sistemafiep.org.br



**CARLOS
VALTER
MARTINS
PEDRO**

*Presidente do
Sistema Fiep*

PALAVRA DO PRESIDENTE

O ano de 2020 começa com um cenário positivo para a economia brasileira como há muito não se via. O avanço, ao longo de 2019, de uma agenda de reformas com potencial para melhorar o ambiente de negócios do País animou investidores e empreendedores. Somam-se a isso indicadores que mostram estabilidade e contribuem para o planejamento das empresas, como uma inflação controlada e uma taxa de juros nos patamares mais baixos da história.

Com tudo isso, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) prevê um crescimento de 2,5% no PIB brasileiro neste ano, e um aumento ainda maior do PIB Industrial, de 2,8%. Essa perspectiva se reflete também no otimismo da indústria paranaense. A pesquisa Sondagem Industrial, realizada pela Fiep, mostrou que 80% dos empresários do setor têm expectativas favoráveis para seus negócios em 2020. Outro dado relevante é que 82% pretendem realizar investimentos.

Para que todas essas previsões se concretizem e o Brasil possa retomar um desenvolvimento mais acentuado, é preciso seguir avançando. Com a Reforma da Previdência já sancionada, a aprovação de uma Reforma Tributária que simplifique o sistema de impostos é essencial, assim como a adoção de medidas que diminuam a burocracia e reduzam custos para quem produz.

Em um cenário mais favorável, a indústria terá cada vez mais capacidade para se adequar às novas tendências que se disseminam em todo o mundo e que são fundamentais para a competitividade dos negócios. Uma dessas tendências é a chamada Economia Circular, que pressupõe a transformação de bens e materiais que estão no final de sua vida útil em recursos para novos processos produtivos, minimizando a geração de resíduos. Esse é justamente o tema da reportagem de capa desta edição da Indústria em Revista, que toma como ponto de partida um estudo realizado pelo Observatório Sistema Fiep.

Exemplos de iniciativas de produção sustentável, como um projeto de reflorestamento criado por uma destilaria no litoral do estado, e de responsabilidade social, adotadas por indústrias que integram o Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial (CPCE), também são destaques desta edição. Mostramos, ainda, como o Sistema Fiep vem contribuindo para o planejamento do futuro de setores industriais e como estimulamos, entre nossos jovens estudantes, o interesse por ciência, tecnologia e empreendedorismo.

Boa leitura!



↑ SOBE

Pedido de patentes da Indústria 4.0

O número de pedidos de patentes de tecnologias da Indústria 4.0 no Brasil aumentou 11 vezes ao longo da última década, de acordo com a Confederação Nacional das Indústrias. Se em 2008 foram realizados 1.202 depósitos de patentes de invenções relativas ao tema – o que representa 5% do total –, em 2017 foram solicitados 14.634 pedidos, representando 57% do montante.

↓ DESCE

Feriados de 2020

Os feriados de 2020 devem causar um prejuízo bilionário para a Indústria do Paraná. De acordo com um levantamento da Fiep, o valor do rombo pode chegar a R\$ 4,57 bilhões. A estimativa leva em conta a previsão do PIB Industrial total do estado, número de folgas que cairão em dias de semana e também as possibilidades de emendas com finais de semana.



“O Brasil é referência mundial e líder absoluto de logística reversa de embalagens plásticas primárias.”

JOÃO RANDO

Presidente do Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias (InpEV), durante o 3º Seminário de Logística Reversa, realizado em novembro de 2019.



“Precisamos tratar sobre segurança e saúde no ambiente laboral. Por isso, no evento, abordamos o preparo das indústrias para o acompanhamento das perícias judiciais, o cuidado com a gestão da informação, os principais erros das empresas na gestão trabalhista e previdenciária e as perspectivas de mudança para os próximos meses.”

RODRIGO MEISTER DE ALMEIDA

Engenheiro de Segurança do Trabalho e instrutor da CNI, durante o Painel Sesi de Gestão Estratégica para a Indústria, realizado em novembro de 2019.

“O Brasil não é um País caro, mas está caro. A redução dos custos vai abrir os caminhos e acabar com o isolamento do Brasil. Temos que fazer o dever de casa. Nos últimos anos não fizemos nada. Se fizermos, vamos progredir.”

JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO

Presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), durante o VI Seminário Comércio Exterior e a Indústria, realizado em novembro de 2019.





ACÇÃO SOCIAL

Juntos transformando o mundo

Programa de Voluntariado do Sistema Fiep estimula colaboradores e fornece subsídio para ações beneficentes que auxiliam comunidades em todo o Paraná

por Roberto Hammerschmidt

O Projeto Sun Hope, desenvolvido por colaboradores do Sistema Fiep, conseguiu um feito nobre: reduzir em 100% a fatura de energia elétrica da Associação Mantenedora de Apoio à Criação de Risco e com Câncer (Instituto AMA), de Curitiba, que atende mensalmente 110 crianças em situação de vulnerabilidade e risco social.

O projeto faz parte do Programa de Voluntariado da instituição, que subsidiou a compra e instalação de painéis fotovoltaicos para o Instituto AMA. Esse é apenas um dos exemplos da iniciativa, que existe desde 2018 e visa incentivar ações sociais lideradas pelos próprios colaboradores.

Os funcionários interessados podem formar equipes de três a dez pessoas para desenvolver projetos sociais que ajudem comunidades de todo o Paraná. Todos os projetos são analisados por uma equipe interna e os selecionados recebem subsídio financeiro de até 5 mil reais para executar suas ações. Os participantes recebem orientações e esclarecimentos sobre a execução dos projetos e, após os trabalhos, prestam contas sobre as tarefas realizadas.

Em todo o Paraná

O Programa de Voluntariado do Sistema Fiep já beneficiou mais de 40 projetos diferentes, além de engajar diretamente mais de 300 colaboradores em 16 cidades do Paraná. Até o momento, foram mais de 17 mil pessoas favorecidas.

Em 2019, foram 62 projetos inscritos, um acréscimo de 63% no número de inscrições em relação ao ano anterior. Além disso, houve um aumento de 21% na quantidade de colaboradores

diretamente engajados, e de 167% no de cidades atendidas. O volume de pessoas atendidas foi 40% maior em relação a 2018.

Os projetos desenvolvidos pelos colaboradores podem ser de diversas áreas, incluindo atividades estruturais (como limpezas, pinturas e revitalizações), lúdicas (como teatro e música), workshops e palestras sobre temas pertinentes, mentorias para jovens e adultos, além de campanhas de arrecadação. ■

Ações Sociais do Sistema Fiep

Além do Programa de Voluntariado, o Sistema Fiep realiza outras ações beneficentes ao longo do ano.

OCASIÃO	PERÍODO
Páscoa Solidária	abril
Inverno – Campanha do Agasalho	junho e julho
Dia das Crianças	setembro e início de outubro
Natal – Campanha Natal Solidário	dezembro





OPINIÃO

Precisaremos de novas habilidades profissionais

por Mariciane Pierin Gemin

Nos próximos cinco anos, uma em cada três das competências que o mercado de trabalho busca e valoriza nos profissionais de hoje estará ultrapassada. Quem faz essa previsão é a pesquisa “O futuro do trabalho e habilidades”, realizada pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). O estudo também aponta que será preciso interpretar mais os dados, possuir conhecimentos de inteligência artificial e robótica e habilidades emocionais para estar preparado para os desafios da quarta revolução industrial, a chamada indústria 4.0.

A pesquisa ainda mostra que essas mudanças em tão pouco tempo serão motivadas por avanços tecnológicos. Terão grande influência na mudança do perfil dos profissionais da indústria a mobilidade e tecnologia em nuvem, responsável por 34% de impacto, o poder de processamento (26%), novas tecnologias para fornecimento de energia (22%), economias compartilhadas (12%), internet das coisas (14%), transporte autônomo (9%) e a inteligência artificial (7%).

Com o uso mais intensivo dessas tecnologias, os problemas a solucionar que viveremos demandarão dos profissionais mais inteligência emocional e capacidade de adaptação a

novos cenários e culturas. Essas habilidades serão necessárias pelo simples fato de que, com mais tecnologia e inteligência artificial, a análise das informações necessárias para a tomada de decisão do negócio será mais rápida. E se for preciso fazer ajustes, mudar os cursos, descontinuar processos e inovar, as mudanças precisam acontecer quase imediatamente para responder aos estímulos do mercado. Será preciso que estejamos prontos para decisões rápidas, encontrar soluções inovadoras, escaláveis e de baixo custo para responder ao cenário daquele momento. E o impacto não será apenas nas habilidades para cada profissão. Teremos também o desaparecimento de algumas atividades operacionais, que poderão ser feitas por inteligência artificial, automação e robótica.

Pesquisas que apontam as tendências no mercado de trabalho mostram que, até 2030, metade das atividades de trabalho será automatizada no mundo. Isso quer dizer que algumas profissões desaparecerão. No Brasil, estima-se que 16 milhões (14%) de postos de trabalho serão automatizados, abrindo oportunidades para posições mais analíticas e menos operacionais.



“ SERÁ PRECISO QUE ESTEJAMOS PRONTOS PARA DECISÕES RÁPIDAS, ENCONTRAR SOLUÇÕES INOVADORAS, ESCALÁVEIS E DE BAIXO CUSTO PARA RESPONDER AO CENÁRIO DAQUELE MOMENTO. ”



Com mais tecnologia nos negócios e no setor industrial, executaremos menos trabalhos repetitivos e precisaremos interpretar mais os dados que chegam até nós. As *soft skills* – chamadas habilidades leves, em uma tradução livre – serão mais necessárias, pois o que nos diferenciará da inteligência artificial dos robôs será a nossa capacidade de empatia e de construção em um ambiente que exigirá concentração e agilidade. Algumas atividades hoje consideradas inseguras ou repetitivas, em que há uma rotatividade muito alta, poderão ser feitas por máquinas ou sistemas.

“ NO BRASIL, ESTIMA-SE QUE 16 MILHÕES (14%) DE POSTOS DE TRABALHO SERÃO AUTOMATIZADOS, ABRINDO OPORTUNIDADES PARA POSIÇÕES MAIS ANALÍTICAS E MENOS OPERACIONAIS. ”

Para dar todo o suporte aos sistemas que passaram a existir, garantir a segurança da informação e produzir produtos e serviços inovadores, novas profissões também vão surgir – cientistas de dados *blockchain*, consultor de longevidade, detetives de sequestro de dados, engenheiro de biologia sintética, engenheiro de carne artificial, fazendeiro vertical, gestor de moda para avatares, hacker genético, operador de tráfego de drones.

“ OS PROFISSIONAIS PRECISAM ESTAR PRONTOS PARA ACOMPANHAR ESSES MOVIMENTOS DO MERCADO DE TRABALHO PARA QUE POSSAM CONTRIBUIR COM SUAS HABILIDADES. ”

Não precisamos temer essas mudanças que acontecerão nos próximos anos. Os profissionais precisam estar prontos para acompanhar esses movimentos do mercado de trabalho para que possam contribuir com suas habilidades.

Testar novas tecnologias, ler sobre tendências dentro da área de atuação, buscar inovar e conhecer sobre modelos de inovação, atualizações constantes, buscar atividades que desafiem e mostrem os pontos de melhoria são formas de preparar os profissionais para os desafios do amanhã. ■

MARICANE PIERIN GEMIN É SÓCIA-FUNDADORA DA S7 CONSULTING, EMPRESA PARANAENSE ESPECIALIZADA EM RECRUTAMENTO E SELEÇÃO. ELA TAMBÉM É MEMBRO DO COMITÊ DE GOVERNANÇA E COMPLIANCE DO IBEF-PR (INSTITUTO BRASILEIRO DE EXECUTIVOS DE FINANÇAS), MEMBRO DAS MULHERES DO BRASIL NA DIVISÃO QUE VISA AO EMPODERAMENTO DA DIVERSIDADE DENTRO DAS CORPORAÇÕES E DO PILAR EDUCAÇÃO. É TAMBÉM ASSESSORA DE CAPITAL HUMANO DO FINANCIES (FÓRUM DOS EXECUTIVOS FINANCEIROS PARA AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO PRIVADAS DO BRASIL).

G7: porta-voz das demandas de quem produz

No Paraná, as lideranças do setor produtivo trabalham unidas e alinhadas na defesa de interesses comuns

por Rodrigo Lopes e Elvira Fantin

Grupo que reúne as sete entidades empresariais paranaenses (Fiep, Fecomércio PR, Faep, Fecooper, Faciap, Fetranspar e ACP), o G7 tem tido uma atuação destacada e reconhecida pelo governo, pela sociedade e pelo setor produtivo. Porta-voz das demandas de quem produz, o grupo tem sido ouvido por quem decide e sua capacidade de articulação já se tornou referência para todo o País. Nesta entrevista, o coordenador do G7, José Roberto Ricken, fala sobre o papel do grupo, faz um balanço de 2019, apresenta as principais demandas para 2020 e conta como o Paraná conseguiu uma coesão das lideranças empresariais em torno de objetivos comuns.

Como o G7 avalia o ano de 2019?

Foi um ano difícil, começou com incertezas, mas não foi ruim. Foi um ano bom. A indústria teve um crescimento extraordinário, o agronegócio teve uma rentabilidade um pouco melhor que em anos anteriores. Apesar da perda de produção e volume, teve uma recuperação interessante, especialmente em proteína animal, por conta de uma maior demanda internacional.

Este é um cenário que deve continuar nos próximos anos?

Com certeza 2020 vai ser até mais intenso e isso reflete na disposição de investir. Só para citar um exemplo, nos últimos cinco anos as cooperativas investiram, em média, R\$ 2 bilhões por ano. Para 2020, a perspectiva é de um investimento da ordem de R\$ 3,8 bilhões. 90% disso é investimento em agroindústria e estrutura de armazenagem e distribuição. E isso vai impulsionar a economia.

“ PARA 2020, A PERSPECTIVA É DE UM INVESTIMENTO DA ORDEM DE R\$ 3,8 BILHÕES. 90% DISSO É INVESTIMENTO EM AGROINDÚSTRIA E ESTRUTURA DE ARMAZENAGEM E DISTRIBUIÇÃO. ”



JOSÉ ROBERTO RICKEN

Nasceu em Manoel Ribas, região central do Paraná. É engenheiro agrônomo, formado pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com mestrado executivo em Gestão Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Iniciou suas atividades no cooperativismo em 1980, como funcionário da cooperativa C.Vale, em Palotina, no Oeste paranaense. Foi chefe do escritório da Acarpa/Emater-PR, em Realeza, no Sudoeste. De 1981 a 1988 atuou na Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), em Brasília-DF. De volta ao Paraná, ingressou na Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Ocepar), em Curitiba, onde trabalhou em várias áreas, até assumir a superintendência, em 1996, e depois a presidência, em 2016, cargo que ocupa até hoje. Desde fevereiro de 2019, é coordenador do G7.

Qual é o retorno para as cooperativas do investimento em agroindustrialização?

Nós tínhamos, em média, 2% de rentabilidade líquida. Hoje chega a 4% e isso se deve à agroindustrialização. Metade da produção que recebemos já tem algum valor agregado. O produtor quer isso. Não quer produzir grãos e entregar para uma *trading*. Isso não é suficiente.

O que o senhor apontaria como fator principal para esta melhora de cenário? Foram ações do novo governo? Ou as próprias empresas que estão tomando a frente desta recuperação?

Principalmente à maior demanda internacional. Mas tem já relação com algumas medidas do governo. A perspectiva é positiva. Percebemos que tem uma confiança sendo consolidada. O mercado interno vai ter uma reação maior agora, com mais pessoas empregadas e consumindo. Não tem nenhuma perspectiva extraordinária de crescimento, até porque não tem condições para isso, mas é uma recuperação. Algumas coisas importantes ainda têm que acontecer, como a reforma tributária e as questões de infraestrutura.

“ PERCEBEMOS QUE TEM UMA CONFIANÇA SENDO CONSOLIDADA. O MERCADO INTERNO VAI TER UMA REAÇÃO MAIOR AGORA, COM MAIS PESSOAS EMPREGADAS E CONSUMINDO. ”

Apesar da situação internacional favorável e de uma certa melhoria no ambiente interno, essas questões pendentes ainda provocam um impacto negativo sobre a produção?

Sim. A preocupação em relação à infraestrutura persiste, porque não deu tempo para mudar muita coisa. A questão da energia é grave. Não se pode imaginar um crescimento de 5 a 6%, porque não teria energia suficiente para isso. A estrutura de transporte é outro entrave. A greve de caminhoneiros que tivemos em 2018 foi uma demonstração da exaustão do modelo – 84% do transporte é por caminhão. Quando se transporta um produto de baixo valor agregado, compromete a margem. Temos que ter um fluxo ferroviário adequado.



Crédito: Maril Vieira

As obras de infraestrutura demandam tempo e altos investimentos. Grupos internacionais têm interesse de investir aqui. Como está hoje o ambiente no Brasil para atrair esses investimentos externos?

Há sinais de que estão acreditando mais em nós. Recurso internacional a custo zero e até a juro negativo tem no mundo todo. Mas, se não estabelecermos as regras bem claras, ao invés de ser bom pode ser péssimo para nós. Tem que analisar de uma forma estratégica e tecnicamente. Nós penamos 20 anos com a atual concessão das rodovias. Não podemos deixar essa situação se repetir. Se isso acontecer, estamos fora do mercado. Tem que ter transparência absoluta, com critérios. Se o recurso vier de uma forma errada nós vamos pagar muito caro por isso. O que está em jogo é o desenvolvimento do Brasil e do Paraná.



Crédito: Maril Vieira



Crédito: Maril Vieira

Em relação à energia, o agronegócio tem muita capacidade de geração de biomassa. As cooperativas estão investindo nessa área?

Antes de pensar em geração, temos que melhorar a qualidade da energia que temos. O problema é a deficiência na distribuição. Hoje não se consegue fazer uma planta de produção de aves sem ter um gerador enorme, uma turbina para gerar energia porque oscila muito e esse tipo de atividade não pode ter oscilação de energia. Tecnologia para produção de energia solar, energia eólica tem à vontade. Falta a infraestrutura adequada para chegar à ponta, onde se produz. Vamos ter que investir também para aumentar a produção de energia, aí ajudaria muito a estratégia do produtor produzir a energia que consome, sendo essa energia considerada um insumo e, portanto, com desoneração.

Qual a expectativa do G7 em relação à reforma tributária?

O principal assunto para 2020, pelo menos no início, é a reforma tributária. E essa reforma tem que vir para reduzir custos para as empresas. É preciso desonerar a produção e o emprego. Na política do ICMS no Paraná, tem que se estudar com mais profundidade o nível de competitividade nosso em relação a Santa Catarina e a São Paulo. Essa guerra entre os estados é uma preocupação porque o imposto é significativo e isso afeta a competitividade.

“ ENTENDEMOS QUE O RECURSO DO SISTEMA S É O ÚNICO QUE ESTÁ MELHORANDO A COMPETITIVIDADE DO TRABALHADOR. ”

Boa parte das entidades que compõem o G7 são do Sistema S. Como o G7 vê as críticas dirigidas aos Ss e como pretende atuar em relação à ameaça de cortes de verba?

Entendemos que o recurso dos Ss é o único que está melhorando a competitividade do trabalhador. A deficiência da educação básica é visível e se não tiver o recurso do Sistema S, como vamos operar máquinas modernas? As pessoas estão saindo da escola sem saber ler e sem saber fazer contas básicas. Isso pode comprometer.

“ O SETOR PRODUTIVO ENXERGA A REPRESENTATIVIDADE DO G7, O GOVERNO NOS RECONHECE E ESPERA MUITO DE NÓS. ISSO É BOM, MAS É TAMBÉM UMA RESPONSABILIDADE. ”

A estruturação do G7 fez do Paraná referência na união do setor produtivo. Como está sendo possível essa integração?

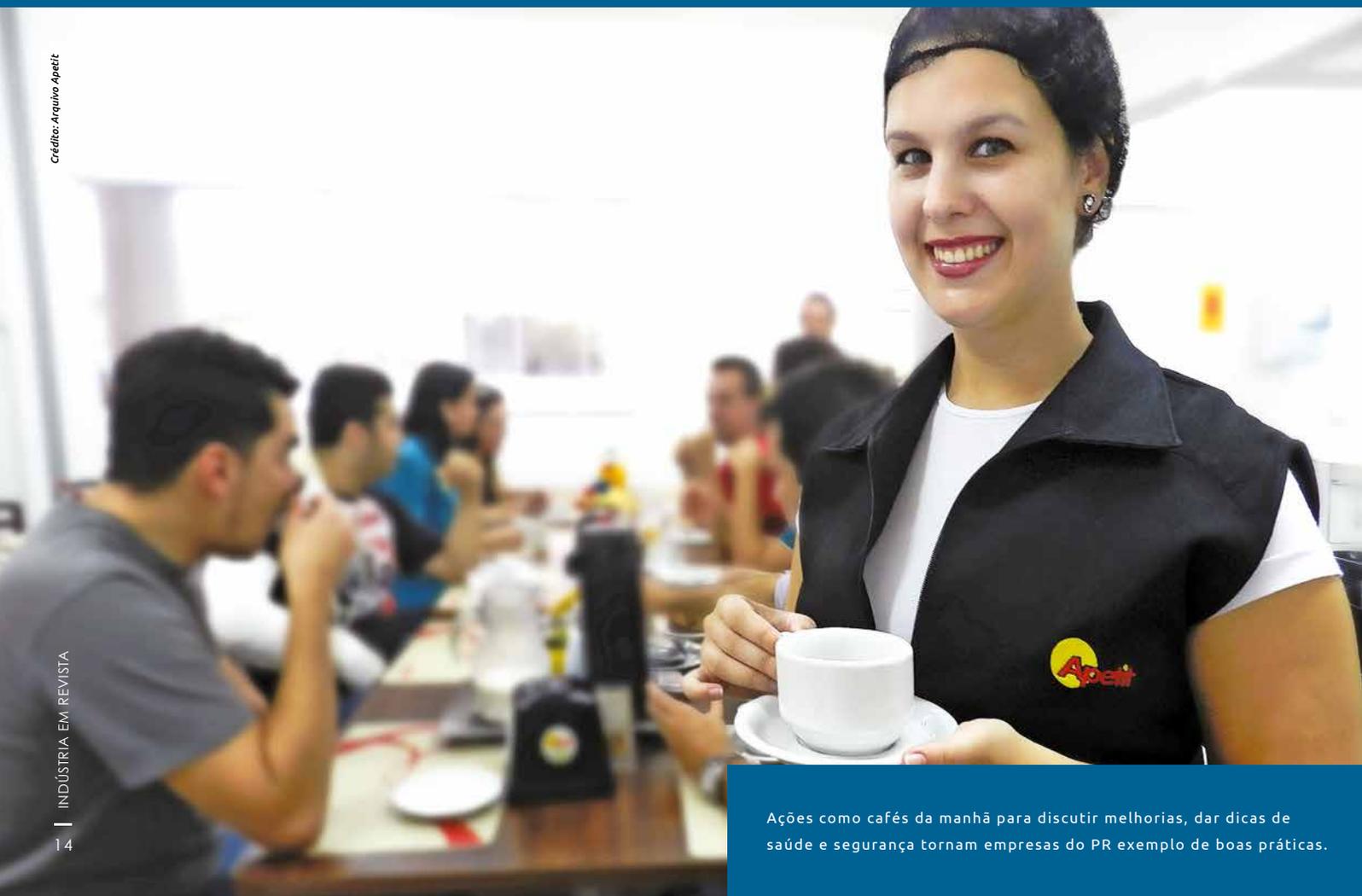
Isso se deve à absoluta individualidade de cada federação. É preciso prezar pelo respeito à opinião de cada um. Nós vamos atuar em conjunto naquilo que for consenso. Isso cria um clima construtivo no G7. Não tem clima de competição entre as federações. Tem um clima positivo de soma e isso é muito importante. Passamos a ter mais visibilidade. O setor produtivo enxerga a representatividade do G7, o governo nos reconhece e espera muito de nós. Isso é bom, mas é também uma responsabilidade. Temos que ser muito coerentes e nossas questões têm que ser embasadas tecnicamente. ■

Seguro, saudável e produtivo

Mais do que apenas cumprir a lei, indústrias do Paraná superam as exigências e contam as vantagens de investir no bem-estar dos colaboradores e de tornar o ambiente de trabalho mais seguro

por Patrícia Gomes

Crédito: Arquivo Apetit



Ações como cafés da manhã para discutir melhorias, dar dicas de saúde e segurança tornam empresas do PR exemplo de boas práticas.

Aumento de produtividade e ganho de competitividade. Esses são alguns dos principais impactos relatados por empresas que investem em boas práticas para melhorar a saúde e a segurança de seus colaboradores. Mais do que apenas cumprir as exigências da lei, elas adotam procedimentos que transformam as indústrias em lugares melhores para se trabalhar.

E quando uma empresa já tem em seu DNA a missão de fornecer alimentação saudável e contribuir para o bem-estar das pessoas, a tarefa de cuidar dos funcionários é ainda mais desafiadora. Esse é caso da Apetit Serviços de Alimentação, indústria de Londrina que atua há 30 anos no segmento de refeições corporativas. Presente em 12 estados brasileiros, com mais de 100 restaurantes, a empresa serve atualmente 100 mil refeições diárias e emprega 2 mil pessoas no País.

Com relação à saúde, uma das iniciativas é um café da manhã com colaboradores, em que recebem dicas de alimentação saudável. “O impacto da nossa atividade é nas pessoas, na hora da refeição. Uma pessoa feliz e segura cozinha melhor e isso se reflete diretamente na saúde e no bem-estar dos nossos clientes”, afirma o gerente de Recursos Humanos e Jurídico da companhia, Igor Armagni.

“ O IMPACTO DA NOSSA ATIVIDADE É NAS PESSOAS, NA HORA DA REFEIÇÃO. UMA PESSOA FELIZ E SEGURA COZINHA MELHOR E ISSO SE REFLETE DIRETAMENTE NA SAÚDE E NO BEM-ESTAR DOS NOSSOS CLIENTES. ”

IGOR ARMAGNI,
GERENTE DE RECURSOS
HUMANOS E JURÍDICO
DA APETIT SERVIÇOS
DE ALIMENTAÇÃO, DE
LONDRINA.



Ele explica que a empresa também tem um olhar diferenciado para a segurança do trabalhador e segue uma política de reduzir o desgaste em atividades de rotina que oferecem



Novo equipamento da Apetit que corta carne em tiras exatas de 100 gramas evitou acidentes e reduziu afastamentos em 10% em 2019.

maior risco. “Recentemente, adquirimos maquinário para cortar legumes em cubos e tiras de carnes em quantidades exatas (100 gramas). Com isso evitamos acidentes, reduzimos os afastamentos em 10% em 2019 e tivemos um ganho operacional. Os funcionários foram remanejados para outras atividades e entenderam a medida como um cuidado da empresa com sua segurança”, conta.

A ergonomia também é importante. “A postura, a forma como é feita a reposição das cubas com alimentos no buffet, o uso de luvas para lidar com a alta temperatura dos recipientes. Tudo é avaliado para que os colaboradores façam seu trabalho de forma adequada”, conta. “E por atuarmos com unidades dentro de outras empresas, também aprendemos muito com a cultura de segurança dos nossos clientes e assim nossa política de segurança se fortalece”, reforça.

Estudo confirma investimento das indústrias

Em 2019, no intuito de avaliar o impacto do investimento das indústrias do Paraná com relação aos cuidados com segurança, saúde e bem-estar, o Sesi, em parceria com o Great Place to Work (GPTW), realizou uma pesquisa com mais de 25 mil trabalhadores da indústria. O resultado revelou que houve um ganho real de satisfação.

Quase 97% dos entrevistados reconheceram a promoção de ações, campanhas, treinamentos e palestras voltadas à prevenção de acidentes de trabalho, assim como

identificaram que há avaliações periódicas para melhorias em processos que garantem um ambiente mais seguro.

O mesmo percentual de participantes respondeu que suas empresas exigem que fornecedores e terceiros contratados sigam os requisitos de segurança na execução de atividades. E quase 100% confirmou a transparência das organizações em relatar situações que resultaram em acidentes e regularizar as condições com intenção de melhorar a segurança.

Em relação à saúde e qualidade de vida do trabalhador, 75% apontaram que suas empresas oferecem lanches e refeições saudáveis aos colaboradores e que as indústrias monitoram a qualidade das refeições servidas por terceiros dentro de suas instalações. O estudo revelou ainda que 98% dos respondentes participam de campanhas educativas de prevenção e controle de uso do álcool e drogas. E 91% informaram que seus empregadores incentivam a prática de atividades físicas e o combate ao sedentarismo por meio de ações e campanhas internas.

Reconhecimento

As empresas mais bem avaliadas por manterem boas práticas em seus modelos de gestão, segundo notas atribuídas pelos próprios colaboradores, foram reconhecidas com o Troféu Sesi & GPTW. Vinte e seis indústrias foram certificadas no Paraná, sendo nove premiadas por suas iniciativas. Para o superintendente do Sesi e IEL e diretor do Senai/PR, José Antonio Fares, a união das duas instituições confirma o interesse com que ambas atuam em relação à gestão de pessoas. “Tanto o Sesi quanto a GPTW têm uma preocupação constante e procuram incentivar ações inovadoras que

“ UMA PESSOA FELIZ, BEM TRATADA E SEGURA TRABALHA MELHOR E RENDE MAIS. É MAIS COMPROMETIDA COM OS RESULTADOS. É CUIDANDO PRINCIPALMENTE DAS PESSOAS QUE SE SEGUE EM FRENTE. ”



HILGO GONÇALVES,
REPRESENTANTE DA
GREAT PLACE TO
WORK NO PARANÁ.

resultem na melhoria da qualidade de vida e das relações entre os colaboradores, e que valorizem as pessoas em seu ambiente de trabalho”, resume.

O representante da Great Place to Work no Paraná, Hilgo Gonçalves, disse que a primeira edição do Troféu Sesi deve inspirar as empresas a manterem o foco em seus colaboradores, pensando na melhoria do clima organizacional. “Uma pessoa feliz, bem tratada e segura trabalha melhor e rende mais. É mais comprometida com os resultados. É cuidando principalmente das pessoas que se segue em frente”, completa.



“ TANTO O SESI QUANTO A GPTW TÊM UMA PREOCUPAÇÃO CONSTANTE E PROCURAM INCENTIVAR AÇÕES INOVADORAS QUE RESULTEM NA MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA E DAS RELAÇÕES ENTRE OS COLABORADORES, E QUE VALORIZEM AS PESSOAS EM SEU AMBIENTE DE TRABALHO. ”

JOSÉ ANTONIO FARES, SUPERINTENDENTE
DO SESI E IEL E DIRETOR DO SENAI/PR.



Crédito: Arquivo Tamarana

Diálogo Semanal de Segurança: trabalhadores trocam experiências para corrigir erros e aumentar a segurança na empresa de reciclagem de chumbo de baterias Tamarana.

Bons exemplos

Além da Apetit, que venceu na categoria grande empresa, outras duas indústrias ficaram na primeira colocação. A Pormade Portas, representada pela coordenadora de RH e técnica em Segurança do Trabalho, Sueli Heppner, venceu na categoria médio porte. “Sempre investimos muito na educação, na saúde e na segurança do trabalhador. Temos muito claro o cuidado com as pessoas. Pessoas mais felizes produzem mais. E a avaliação do nosso colaborador é uma resposta de que as ações da empresa estão no caminho certo”, avalia.

Outro ponto forte, diz ela, é a comunicação dentro da companhia. “Temos o café com o presidente, com a equipe da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA), da brigada de combate a incêndio, que ajudam a reforçar os cuidados e que abrem a possibilidade de uma participação efetiva do colaborador. Também atuamos com pesquisas para melhorar processos e ações que necessitam de maior atenção. É uma construção em que todos ganham: o trabalhador, com ambiente mais seguro; o cliente, com um produto melhor; e a empresa, com reconhecimento de todos”, avalia.

“ É UMA CONSTRUÇÃO EM QUE TODOS GANHAM: O TRABALHADOR, COM AMBIENTE MAIS SEGURO, O CLIENTE COM UM PRODUTO MELHOR E A EMPRESA COM RECONHECIMENTO DE TODOS. ”

SUELI HEPPNER,
COORDENADORA
DE RH E TÉCNICA
EM SEGURANÇA
DO TRABALHO DA
PORMADE PORTAS.



Crédito: Empresa da Siveira

Primeira colocada na categoria pequena empresa, a Tamarana Tecnologia Ambiental, do Norte do Paraná, atua na reciclagem de chumbo de baterias. Tiago Rodrigues do Patrocínio, técnico em Segurança do Trabalho, conta que dois programas foram fundamentais para a boa avaliação entre os funcionários. No Diálogo Semanal de Segurança os trabalhadores relatam fatos e trocam experiências a fim de corrigir erros, repassar procedimentos e aumentar a segurança no seu dia a dia.

“ PESSOAS QUALIFICADAS E FELIZES ERRAM MENOS E REDUZEM AS CHANCES DE ACIDENTES. ”



Crédito: Empresa da Siveira

TIAGO RODRIGUES DO
PATROCÍNIO, TÉCNICO
EM SEGURANÇA DO
TRABALHO DA TAMARANA
TECNOLOGIA AMBIENTAL.

Já no Programa ParticIPA, qualquer colaborador da empresa pode relatar situações de risco de acidentes e dar sugestões de melhorias. “Pessoas qualificadas e felizes erram menos e reduzem as chances de acidentes. Quando o trabalhador entende que colaborar com a segurança é obrigação de todos, não só do líder ou do técnico em segurança, e que é importante seu papel de fiscalizar, o sucesso é garantido. Este é nosso diferencial”, destaca.

O Sesi do Paraná oferece consultorias e capacitações para as indústrias do estado na área de saúde e segurança, com o objetivo de auxiliá-las e melhorar sua competitividade e produtividade. Mais informações podem ser obtidas no site sistemafiep.org.br/segurancaesaude. ■

Um novo paradigma para a indústria

A economia circular é um desafio para as empresas, que precisam reinventar seus processos produtivos, preservando recursos naturais, otimizando a produção e minimizando riscos

por Roberto Hammerschmidt

As embalagens descartadas chegam de caminhão à fábrica todos os dias de manhã. Após uma triagem, são separadas em materiais que podem ser reciclados e aqueles que servem apenas para combustível. Dentro dos galpões, diversos processos de trituração, lavagem, remoção de tinta e secagem ocorrem para que o insumo seja produzido, pronto para ser reutilizado pelo mercado.

Essa é a rota que os mais diversos tipos de materiais fazem dentro da fábrica da KWM, empresa que desenvolve soluções integradas de gestão de resíduos. Mais de 700 organizações do Paraná enviam seus rejeitos para a planta da empresa em Araucária, para que sejam transformados em novos produtos. "É aqui que a mágica acontece", afirma Juliana Gomes, gerente de marketing da KWM.





Todos os dias, 150 toneladas de detritos são processados para serem convertidos em geração energética. Além disso, mais de 30 toneladas diárias de lixo se tornam plásticos, que podem ser transformados em subprodutos dentro da própria fábrica, ou vendidos para que sejam aproveitados pelo mercado.

A KWM é apenas uma peça do ecossistema da economia circular, uma engrenagem que faz com que os produtos rejeitados e descartados pelas indústrias voltem à linha de produção, sem perda de qualidade. Assim, eles podem ser reaproveitados, reduzindo a produção. “Resíduos também são recursos financeiros que podem ser novamente

utilizados pelas indústrias. Além de poupar recursos naturais, há a oportunidade de redução de custos”, afirma Marcus Machado, diretor comercial da KWM.

A importância da estratégia

A economia circular despontou como uma alternativa à economia linear, que envolve a extração, transformação e descarte de produtos. A aparição do conceito se deve principalmente a três fatores: a alta volatilidade dos preços das *commodities*, a crescente escassez de recursos naturais e o aumento significativo da quantidade de resíduos no planeta.



“ RESÍDUOS TAMBÉM SÃO RECURSOS FINANCEIROS QUE PODEM SER NOVAMENTE UTILIZADOS PELAS INDÚSTRIAS. ALÉM DE POUPAR RECURSOS NATURAIS, HÁ A OPORTUNIDADE DE REDUÇÃO DE CUSTOS. ”

MARCUS MACHADO, DIRETOR COMERCIAL DA KWM,
EMPRESA DE SOLUÇÃO INTEGRADA EM GESTÃO DE RESÍDUOS.

Economia sustentável

A economia circular surgiu em contraposição à economia linear.

Abaixo o modo de operação de cada uma:

Economia linear:



Economia circular:





Crédito: Gelson Bampi

Resultado do processo de transformação e reciclagem realizado pela KWM.

CAPA

“GRANDE PARTE DESSE CENÁRIO SE DEVE AOS ATUAIS SISTEMAS PRODUTIVOS, QUE UTILIZAM RECURSOS FINITOS, ELIMINANDO RESÍDUOS APROVEITÁVEIS EM UM MODELO VOLTADO PARA O DESCARTE.”

MARILIA DE SOUZA, GERENTE EXECUTIVA DO OBSERVATÓRIO SISTEMA FIEP.



Crédito: Gelson Bampi

“O modelo econômico linear trouxe um crescimento econômico sem precedentes para a humanidade, mas hoje está chegando ao seu limite. Se o consumo de recursos naturais se mantiver neste modelo, as reservas disponíveis para alguns materiais se esgotarão em algumas décadas”, afirma Mauricy Kawano, coordenador de sustentabilidade do Sistema Fiep.

É fato que estamos chegando a níveis preocupantes de aumento populacional, extração de materiais e de produção de resíduos. De acordo com a publicação Elementos de Economia Circular, do Observatório Sistema Fiep, nos últimos 40 anos a população mundial duplicou, o crescimento do PIB quadruplicou e a extração global de materiais aumentou 3,4 vezes. Sendo assim, as previsões mostram que, até 2060, a extração anual de materiais dobrará de volume.

Além disso, dados do Banco Mundial mostram que, em 2016, as cidades do mundo todo geraram 2,01 bilhões de

toneladas de resíduos sólidos, o que equivale a 0,74 kg de produção de lixo por pessoa diariamente. Com o rápido crescimento populacional e urbanização, a entidade estima que a geração anual de resíduos deverá aumentar em 70% em 2050, chegando a 3,40 bilhões de toneladas.

“O MODELO ECONÔMICO LINEAR TROUXE UM CRESCIMENTO ECONÔMICO SEM PRECEDENTES PARA A HUMANIDADE, MAS HOJE ESTÁ CHEGANDO AO SEU LIMITE.”

MAURICY KAWANO, COORDENADOR DE SUSTENTABILIDADE DO SISTEMA FIEP.



Crédito: Gelson Bampi

“Grande parte desse cenário se deve aos atuais sistemas produtivos, que utilizam recursos finitos, eliminando resíduos aproveitáveis em um modelo voltado para o descarte”, afirma Marília de Souza, gerente executiva do Observatório Sistema Fiep. Em tempos em que a sociedade pressiona para o avanço em direção ao desperdício zero, e tal modelo demonstra sinais de insustentabilidade, novos paradigmas inovadores de produção e consumo são cada vez mais demandados. É dentro desse contexto que a economia circular se faz tão necessária.

O modelo de produção circular

A economia circular envolve a implantação de uma estratégia na qual todos os tipos de materiais são extraídos e elaborados para circular de forma eficiente e, sem perda da qualidade, serem recolocados na produção. O objetivo principal é evitar o desperdício e a perda de valor econômico-ambiental.

A economia circular pode

- Criar mais empregos
- Melhorar a competitividade da economia
- Promover novos produtos e modelos de negócios
- Conservar capital natural
- Diminuir impactos ambientais

Impactos da economia circular

Variação de **+7%** do PIB

Redução de **2% a 4%** nas emissões de carbono

Diminuição de **20% a 30%** de recursos e energia

Geração de **170 mil empregos** diretos no setor de gestão de resíduos

Fonte: Observatório Sistema Fiep

Procura acabar com ineficiências do processo produtivo, por meio da gestão eficiente dos recursos naturais, diminuindo ou erradicando a criação de resíduos e prolongando ao máximo a vida útil e o valor dos produtos. Nessa abordagem, os recursos não são entendidos como custos: eles são preservados e, depois de utilizados, são reinseridos de forma contínua e indefinida no processo produtivo.

Esse novo modelo de produção busca obter o máximo valor dos recursos em todas as fases do ciclo de vida, desde a extração de matérias-primas até o design, passando também pela produção e distribuição de mercadorias e pelo uso crescente de matérias-primas secundárias.

Considerando um cenário de escassez de recursos naturais, a economia circular permite a extensão da vida útil dos materiais por meio do design, da manutenção, do reuso, da remanufatura e da reciclagem.

A indústria vê a transição para a economia circular também como uma oportunidade de negócio. Esse modelo contribui para o aumento da competitividade de forma sustentável, por meio do uso racional dos recursos naturais e do desenvolvimento de novas cadeias produtivas, com geração de emprego e renda.

Empresas já investem

De acordo com a Confederação Nacional das Indústrias (CNI), no Brasil, 70% das indústrias pesquisadas nunca ouviram falar de economia circular. Entretanto, 76,4% já desenvolvem ações relacionadas ao tema, como a otimização de processos industriais, recuperação de recursos, extensão da vida útil do produto, entre outras.

No Paraná, diversas empresas vêm adotando a prática. É o caso do Grupo Boticário, que desde sua origem mantém o foco no desenvolvimento sustentável do negócio.

“A gestão do Grupo inclui a sustentabilidade nas decisões e nos processos – da extração de matéria-prima ao descarte correto de embalagens”, afirma Eduardo Fonseca, diretor de Assuntos Institucionais da empresa.

A atuação socioambiental do Grupo Boticário possui diversos focos estratégicos, entre eles a logística reversa, com pontos de coleta em todas as lojas das marcas do Grupo, e o ciclo de vida dos produtos – do design ao descarte, da estratégia à operação.

“ A GESTÃO DO GRUPO INCLUI A SUSTENTABILIDADE NAS DECISÕES E NOS PROCESSOS – DA EXTRAÇÃO DE MATÉRIA-PRIMA AO DESCARTE CORRETO DE EMBALAGENS. ”



EDUARDO FONSECA,
DIRETOR DE ASSUNTOS
INSTITUCIONAIS DO
GRUPO BOTICÁRIO.

A Positivo Informática também se preocupa com o desenvolvimento sustentável desde o início de suas operações. Em 2018, a organização coletou e destinou, em média, mais de 121 toneladas mensais de resíduos diversos. Além disso, 100% dos resíduos não recicláveis gerados foram encaminhados para coprocessamento (processo de queima controlada que reaproveita a energia do material no processo de combustão) no mesmo ano.

A empresa almeja, também, aumentar a destinação de resíduos eletroeletrônicos. Em 2018, foram recicladas 155 toneladas desses materiais.



Crédito: Divulgação Grupo Boticário

Grupo Boticário mantém o foco no desenvolvimento sustentável do seu negócio.

Desafios

Apesar de todas as vantagens, a economia circular ainda enfrenta alguns entraves para ser adotada no Brasil. A transição do atual modelo econômico linear para circular exige, principalmente, políticas públicas, linhas de financiamento e novos modelos de negócio. As consequências de se produzir com intuito de minimizar o descarte levam novas oportunidades para as indústrias, abrangendo toda a economia, além de desafios como:

- **Inovação no desenho de produtos para maior circularidade;**
- **Diminuição da dependência de matérias-primas virgens;**
- **Redução das perdas nos processos produtivos;**
- **Maior eficiência na distribuição;**
- **Ampliação dos serviços de manutenção e reparo dos produtos;**
- **Construção dos canais para logística reversa e reciclagem.**

“Tendo em vista a crescente atenção para os conceitos como sustentabilidade e desenvolvimento sustentável, partimos do princípio de que os produtos descartados precisam ser reinseridos na cadeia de produção”, afirma Júlio José Neto, responsável pela área de Sustentabilidade Ambiental da Positivo Tecnologia.

“ PARTIMOS DO PRINCÍPIO DE QUE OS PRODUTOS DESCARTADOS PRECISAM SER REINSERIDOS NA CADEIA DE PRODUÇÃO. ”



JÚLIO JOSÉ NETO, RESPONSÁVEL PELA ÁREA DE SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL DA POSITIVO TECNOLOGIA.

Implementar uma estratégia de economia circular também exige profissionais especializados em determinadas áreas, como automação, desenvolvimento de materiais, reparo e manutenção de todo tipo de produto, processos químicos e físicos de recuperação, entre muitos outros.

Entre os desafios pontuais a serem superados, cabe destacar as limitações de infraestrutura e a falta de incentivos para o uso de recursos secundários em múltiplos ciclos. Adicionalmente, perde-se muito valor no descarte inadequado de resíduos, que pode ser associado à falta de percepção de valor dos recursos, levando o mercado a não valorizar esses materiais.

Suporte para as empresas

Como a economia circular é uma estratégia ainda embrionária no Brasil e no mundo, estudos sistematizados sobre sua situação atual são escassos ou inexistentes. Dada a importância do tema e buscando preencher essa lacuna, o Sistema Fiep lançou em novembro de 2019 o Roadmap Economia Circular 2031, um mapa com caminhos a serem trilhados pelos interessados no desenvolvimento da economia circular no Paraná.



Além disso, a instituição, por meio da Coordenação de Sustentabilidade e da Gerência dos Conselhos Temáticos e Setoriais, vem, desde 2012, articulando diversas ações com o objetivo de apoiar a indústria paranaense na estruturação dos sistemas de logística reversa de produtos e embalagens.

Em 2017, a Fiep teve papel decisivo na formação do Instituto Paranaense de Reciclagem (InPAR), instituição independente e sem fins lucrativos, que tem o propósito de operacionalizar um sistema de logística reversa de embalagens pós-consumo, visando atender às determinações impostas pela legislação vigente no âmbito estadual e federal. No mesmo ano, a Fiep, em parceria com o InPAR, criou o Seminário Paranaense de Logística Reversa, com o intuito de apresentar às indústrias paranaenses as principais temáticas correlacionadas à logística reversa de produtos e embalagens. ■

Saiba mais

- Ouça o 5º episódio do podcast Ligado na Indústria, sobre economia circular, em agenciafiep.com.br/podcast.
- Acesse e baixe a versão online da Rota Estratégica Economia Circular 2031: fiepr.org.br/observatorios.
- As empresas interessadas em obter suporte podem entrar em contato com a Coordenação de Sustentabilidade do Sistema Fiep no e-mail meioambiente@sistemafiep.org.br.

Soluções do Sistema Fiep

- Articulação da cadeia produtiva;
- Participação na construção de normativas para a economia circular;
- Elaboração de planejamento estratégico;
- Consultoria em Tecnologia e Inovação;
- Realização de cursos técnicos e de especialização voltados para este novo paradigma econômico.

Ciência e inovação como caminho para o futuro

Cresce no Paraná o número de eventos que estimulam nos jovens o interesse por esses temas, que fazem parte do dia a dia do Colégio Sesi

por Rodrigo Lopes

Em um mundo cada vez mais tecnológico, conectado e em busca de soluções sustentáveis são necessários novos perfis de profissionais e empreendedores para encarar os desafios do presente e do futuro. Por isso, ganha também relevância o fato de que os estudantes vejam na inovação, na ciência e na tecnologia caminhos para suas carreiras. Essa realidade criou, em todo o Paraná, um movimento intenso de disseminação de feiras e eventos que têm o objetivo de despertar nos jovens o interesse justamente por esses temas. Um movimento ao qual o Sistema Fiep está atento, com seus alunos tendo participação de destaque nessas iniciativas, fruto de um trabalho de iniciação científica que começa nas salas de aula do Colégio Sesi.

Um dos maiores eventos dessa área no Paraná é a Inventum – Feira de Ciência, Tecnologia e Inovação de Pato Branco, cidade que se consolida como um polo tecnológico. Em novembro de 2019, quando foi realizado pela quarta vez, recebeu cerca de 180 mil visitantes em cinco dias. Mais de 40 mil eram estudantes das redes pública e privada de ensino. A programação de eventos como esse é recheada de palestras, workshops, exposições, desafios de startups, competições tecnológicas e apresentação de projetos inovadores desenvolvidos por estudantes. Tudo temperado com elementos da cultura nerd e geek.



A experiência bem-sucedida de Pato Branco motivou outros municípios, inclusive alguns que, em análise superficial, não teriam tanta ligação com ciência e tecnologia. Um deles foi Campo Mourão, conhecido principalmente por sediar a maior cooperativa agroindustrial da América Latina, a Coamo. No ano passado, a cidade realizou a terceira edição da Empreende Week. “A ideia com esse movimento é sair da coisa muito tradicional da indústria de *commodities* para ter mais valor agregado, em que as possibilidades sejam maiores, trabalhando já com a economia do futuro”, explica o empresário Fernando Mizote, presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Campo Mourão.

O Sindimetal é uma das instituições realizadoras do evento e também está envolvido com o ecossistema de inovação que vem crescendo na região, tendo na Empreende Week uma forma de divulgar o que está sendo feito em termos de pesquisa científica e tecnológica. Atualmente, muitas das ideias e projetos apresentados no evento são acompanhados posteriormente com o objetivo de que se tornem empreendimentos efetivos. “A gente quer que o drive que puxe todo o desenvolvimento da indústria na cidade sejam esses novos negócios”, completa Mizote.

“ A IDEIA COM ESSE MOVIMENTO É SAIR DA COISA MUITO TRADICIONAL DA INDÚSTRIA DE COMMODITIES PARA TER MAIS VALOR AGREGADO, EM QUE AS POSSIBILIDADES SEJAM MAIORES, TRABALHANDO JÁ COM A ECONOMIA DO FUTURO. ”

FERNANDO MIZOTE,
PRESIDENTE DO
SINDICATO DAS
INDÚSTRIAS
METALÚRGICAS,
MECÂNICAS E DE
MATERIAL ELÉTRICO
DE CAMPO MOURÃO
SOBRE A EMPREENDE
WEEK.



Iniciação científica

Essas ideias com potencial de se tornarem negócios surgem de pesquisas realizadas por estudantes universitários ou até mesmo do Ensino Médio. Um exemplo, apresentado na última Empreende Week, veio do Colégio Sesi. Foi o projeto Caterpie, desenvolvido por um grupo de estudantes da unidade de Campo Mourão. “Tudo começou quando, no decorrer de pesquisas relacionadas à sustentabilidade, descobrimos que o cidadão campo-mourense consome cerca de 30 litros de agrotóxicos por ano, um número alarmante”, explica Desirée Adrielle Nascimento Bonfim, uma das alunas do grupo.

O problema levou os jovens a pensarem em soluções e, após aprofundarem suas pesquisas relacionadas ao controle biológico de pragas, começaram a desenvolver uma cápsula orgânica com sobras e cascas de frutas e vegetais para substituir a utilização de agrotóxicos nas lavouras. O produto ainda não virou negócio, mas já rendeu aos alunos o primeiro lugar na quarta edição das Olimpíadas de Ciências de sua unidade.



Projeto Cartepie, desenvolvido por alunos de Campo Mourão, criou uma cápsula orgânica para substituir a utilização de agrotóxicos nas lavouras.

Ideias criativas e inovadoras como essa se espalham por todas as unidades do Colégio Sesi no Paraná, graças ao incentivo que sua metodologia de ensino dá à pesquisa e ao raciocínio lógico-matemático – este estimulado com atividades de robótica e programação. A gerente de Educação Básica e Continuada do Sistema Fiep, Fabiane Franciscone, explica que, em sala de aula, os alunos são estimulados não apenas a identificar problemas que afetam suas comunidades, mas principalmente a pensar em possíveis soluções. A partir daí, no programa de iniciação científica, utilizando laboratórios e outros espaços de experimentação das unidades, têm a possibilidade de desenvolver essas ideias e, sendo viáveis,



Alunos do Colégio Sesi da CIC mostram as peças desenvolvidas por eles para auxiliar no ensino de formas geométricas a pessoas com deficiência visual.

produzir pilotos. Isso sempre sob orientação dos professores, que ajudam os alunos a colocar em prática diversos conceitos ensinados em disciplinas como Química, Física, Biologia e Matemática. Identificados projetos com potencial, eles podem, inclusive, ser impulsionados para que se viabilizem comercialmente.

No Colégio Sesi da Cidade Industrial de Curitiba (CIC), um projeto desenvolvido por alunos do Ensino Médio nos últimos dois anos tem possibilidades de ser patenteado e, no futuro, virar um negócio. Trata-se do Masteca, um kit criado pelos alunos que auxilia pessoas com deficiência visual a conhecerem as formas geométricas. Integrante do grupo, Steyce Dayane Lopes explica que a ideia surgiu enquanto ela e uma colega enfrentavam certa dificuldade nos estudos de geometria. “Se nós, que conseguíamos enxergar, tínhamos dificuldades, imaginamos como seria para uma pessoa com deficiência visual”, conta.

Após uma visita ao Instituto Paranaense de Cegos, descobriram que o ensino para essas pessoas, feito com caixas e outros objetos, era bastante precário. Com apoio dos professores e usando o Fab Lab instalado na unidade – um espaço de fabricação digital – produziram não apenas peças mais adequadas à percepção, mas também tutoriais que, por áudio, explicam à pessoa com deficiência todos os detalhes daquela forma.

“ A INICIAÇÃO CIENTÍFICA SEMPRE INCENTIVA A GENTE A SAIR DA ZONA DE CONFORTO E BUSCAR SOLUÇÕES PARA OS PROBLEMAS. ”

STEYCE DAYANE LOPES, ALUNA DO COLÉGIO SESI CIC E PARTICIPANTE DO GRUPO QUE CRIOU O MASTECA, QUE AUXILIA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL A CONHECEREM AS FORMAS GEOMÉTRICAS.

Em novembro passado, o Masteca, que já havia se destacado no prêmio Inova Paraná, promovido pelo Sistema Fiep, conquistou também o primeiro lugar geral entre todos os projetos científicos expostos em outro evento que vem ganhando relevância no estado: a Ficiencias – Feira de Inovação das Ciências e Engenharias. Organizado pelo Parque Tecnológico de Itaipu, em Foz do Iguaçu, o evento reúne estudantes paranaenses, do Paraguai e da Argentina. No total, o Colégio Sesi teve 24 projetos finalistas na feira e recebeu 11 prêmios em diferentes categorias. Para Steyce, porém, mais importante do que premiações é o resultado alcançado com os projetos. “O mais gratificante é propiciar acessibilidade a pessoas que precisam”, diz. Sem contar os ensinamentos para o resto da vida. “A iniciação científica sempre incentiva a gente a sair da zona de conforto e buscar soluções para os problemas”, completa.

“ NÓS QUEREMOS QUE ESSE TAMBÉM SEJA UM EXERCÍCIO PARA QUE POSSAMOS TRAZER SOLUÇÕES PARA A INDÚSTRIA DESDE O ENSINO MÉDIO. ”



FABIANE FRANCISCONE, GERENTE DE EDUCAÇÃO BÁSICA E CONTINUADA DO SISTEMA FIEP.

Se os resultados obtidos pelo Colégio Sesi já são expressivos, a intenção é que estejam mais ligados também às necessidades da indústria. “Buscamos sempre ter cada vez mais proximidade com a indústria nessa formação dos nossos jovens”, afirma Fabiane Franciscone. “No currículo, eles trabalham com oficinas de aprendizagem, que propõem desafios. Nós queremos que esse também seja um exercício para que possamos trazer soluções para a indústria desde o Ensino Médio”, acrescenta. ■



Panorama desanimador motiva reação do setor de confecções do Paraná. Estado perdeu mais de 7 mil vagas de emprego no setor.

PLANEJAMENTO

Planejar para crescer

A indústria do vestuário do Paraná já foi a segunda colocada, mas perdeu posição no mercado nacional. Para reverter esse cenário, o setor aposta no planejamento estratégico

por *Elvira Fantin*

De segundo produtor de roupas do Brasil, o Paraná caiu para a quinta colocação nos últimos anos. Muitas indústrias fecharam as portas no estado. Só nos últimos três anos, 816 foram fechadas, desempregando 7.335 trabalhadores. A situação é preocupante, pois o setor do vestuário é o segundo maior empregador no Paraná, ficando atrás apenas da indústria de alimentos.

A maioria dessa indústria é formada por microestabelecimentos e grande parte deles é familiar. Além disso, muitos municípios dependem das atividades ligadas à confecção para sobreviver. Então, uma crise traz consequências e faz estragos em toda a economia.

Preocupados com o cenário atual e com o que vem pela frente, os empresários do setor decidiram se unir. Em novembro de 2019, os dez sindicatos da indústria do vestuário, têxtil e couro do Paraná se reuniram em Maringá para planejar as atividades. O encontro teve a participação do presidente da Fiep, Carlos

Valter Martins Pedro, que já atendeu à primeira reivindicação: a filiação da Fiep à Associação Brasileira da Indústria Têxtil (ABIT), como forma de fortalecer a representatividade do setor.

“A partir de agora, a Fiep passa a ter uma cadeira na ABIT e participará das reuniões mensais, o que é muito relevante, já que é essa associação que defende as causas do setor em âmbito nacional”, observa João Arthur Mohr, gerente dos Conselhos Temáticos e Setoriais da Fiep, que conduziu o encontro de planejamento estratégico. Ele conta que nas décadas de 70 e 80 o Paraná chegou a ser o segundo maior estado produtor de confecções do Brasil, ficando atrás apenas de São Paulo, mas nos últimos anos perdeu espaço para Santa Catarina e Minas Gerais. “A Fiep e os empresários do setor vêm se questionando sobre o que deve ser feito para retomar essa posição. A partir daí, surgiu a ideia de se fazer um planejamento estratégico do setor”, disse.

Sete grandes temas, 180 ações e uma Rota Estratégica

Na estruturação do planejamento, foram trabalhados sete temas: Sustentabilidade, Capacitação, Legislação e Tributação, Associativismo, Cenário e Logística, Tecnologia e Inovação, e Visibilidade e Comercialização. Foram elencadas 180 ações de curto, médio e longo prazo, com o propósito da indústria paranaense voltar a ter relevância no cenário nacional.

A partir de agora, o Conselho Setorial da Indústria do Vestuário, que se reúne mensalmente, vai dar encaminhamento às ações. “O planejamento tem uma visão estratégica de longo prazo, que prevê o Paraná sendo reconhecido como produtor de moda de forma competitiva e sustentável”, destaca Mohr.

“ O PLANEJAMENTO TEM UMA VISÃO ESTRATÉGICA DE LONGO PRAZO, QUE PREVÊ O PARANÁ SENDO RECONHECIDO COMO PRODUTOR DE MODA DE FORMA COMPETITIVA E SUSTENTÁVEL. ”



JOÃO ARTHUR MOHR, GERENTE DOS CONSELHOS TEMÁTICOS E SETORIAIS DA FIEP.

Todo o material levantado será transformado na Rota Estratégica 2031 do Setor do Vestuário do Paraná, a ser lançada neste ano pelo Observatório Sistema Fiep. O estudo projetará o setor para o ano de 2031, estabelecendo como se quer chegar lá e o que deve ser feito para alcançar o resultado desejado.

60% fecharam as portas

Buscamos o planejamento estratégico porque a situação que o setor vive é muito complicada. Aqui na região de Maringá, 60% das indústrias fecharam as portas nos últimos cinco anos”, conta o empresário do setor Valdir Scalon,

Os sete grandes temas do planejamento estratégico do vestuário



Sustentabilidade



Cenário e Logística



Capacitação



Tecnologia e Inovação



Legislação e Tributação



Visibilidade e Comercialização



Associativismo

presidente do Sindicato da Indústria do Vestuário de Maringá (Sindvest Maringá). “O fechamento dessas empresas é muito preocupante, porque nossa região depende muito desse setor”, observa.

De acordo com o líder do setor, a principal causa da crise foi a queda do consumo, que começou em 2014 e prossegue

“ BUSCAMOS O PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO PORQUE A SITUAÇÃO QUE O SETOR VIVE É MUITO COMPLICADA. AQUI NA REGIÃO DE MARINGÁ, 60% DAS INDÚSTRIAS FECHARAM AS PORTAS NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS. ”



VALDIR SCALON, PRESIDENTE DO SINDVEST MARINGÁ.

até agora. “As vendas caíram muito neste período e a forma de comercialização mudou bastante, com o e-commerce ganhando cada vez mais força”, salienta. Segundo ele, a região de Maringá, caracterizada por muitos shoppings de atacado, sentiu bastante esta mudança e precisa repensar o seu modelo de comercialização.

Na expectativa de retomada do crescimento, com a recuperação do consumo que se desenha, um dos gargalos, na opinião de Scalon, será a mão de obra. “Com o fechamento de diversas fábricas, perdemos muitos trabalhadores, que foram trabalhar em outros setores”, conta. Segundo ele, a escassez de profissionais qualificados é muito grande. Por isso, um dos temas elencados no planejamento estratégico é a capacitação. “Vamos ter que investir muito no preparo da mão de obra e nisso vamos contar muito com o Senai”, pontua.

Ele ressalta que investir no mercado externo é uma boa alternativa para o setor. “Hoje está bom para exportar e tem mercado lá fora para o nosso produto, mas temos que fazer alguns ajustes. A numeração, por exemplo, é diferente e temos que nos adaptar para poder exportar”, contextualiza. Scalon aposta na reação da economia. “O otimismo do empresário cresceu bastante de outubro para cá, as vendas no varejo estão boas e precisamos nos preparar para acompanhar e aproveitar essa reação do mercado”, destaca.

Hoje, Paraná produz moda

“O Paraná perdeu posição nos últimos anos. A produção caiu, mas em compensação a qualidade melhorou. Hoje, podemos dizer que o Paraná produz moda”, afirma Luiz Krindges, empresário do setor, proprietário de uma média empresa em Ampere, e presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário do Sudoeste (Sinvespar). Ele conta sua própria experiência.



“ HOJE, PODEMOS DIZER QUE O PARANÁ PRODUZ MODA. ”



LUIZ KRINDGES,
PRESIDENTE DO
SINDICATO DAS
INDÚSTRIAS
DO VESTUÁRIO
DO SUDOESTE
(SINVESPAR).

A Krindges Industrial existe há 42 anos e é especializada na confecção de moda masculina, com unidades em Ampere (Sudoeste) e São Miguel do Iguazu (Oeste).

Por quase 30 anos, a empresa produziu para grandes marcas. Há 15 anos, lançou marca própria: a Docthos. Em 2019, a empresa foi transformada em S/A e inaugurou a primeira loja própria num grande shopping center de Curitiba. Krindges tem como meta inaugurar mais dez lojas em 2020 e chegar ao final de 2021 com 30 lojas nas principais capitais brasileiras. O passo seguinte será abrir franquias a partir de 2023. A Krindges emprega 900 funcionários, produz 140 mil peças por mês e fatura R\$ 100 milhões por ano.

O empresário participou do Encontro de Planejamento Estratégico, em Maringá, e se mostrou otimista. “Temos uma expectativa muito boa com este planejamento, certamente ajudará muito o setor”, disse. Para ele, a situação geral do País está melhorando. “Há uma perspectiva de crédito com regras mais adequadas para as pequenas e médias empresas”, conta. “2020 será o ano da virada na confecção”, acredita. ■



Sindicatos da indústria do vestuário se reúnem para planejar retomada no mercado nacional e aprimorar internacionalização do setor.



LEGISLAÇÃO

eSocial simplifica as exigências para segurança e saúde

O sistema passa por mudanças para ser desburocratizado e facilitar a inserção dos dados, mas independentemente disso, empresas precisam cumprir a legislação

por Priscila Aguiar

O eSocial não é novidade para a maior parte das empresas. Anunciado em 2009, o programa, que centraliza as informações dos colaboradores em um único canal, facilitando a transparência, tem passado por diversas mudanças antes mesmo de ser lançado em sua totalidade. Em agosto do ano passado, o Comitê Gestor do eSocial anunciou alterações na plataforma que impactam diretamente a área de Segurança e Saúde.

A lista de exigências foi simplificada, com redução do número de eventos, compilação de informações similares e exclusão de alguns campos de preenchimento obrigatório. O objetivo foi diminuir a quantidade de dados redundantes e otimizar a rotina de trabalho das equipes responsáveis pela gestão desse processo. “De 1.200, passamos para 300 informações, o que facilita a gestão pelas empresas, simplificando e eliminando conteúdos repetidos”, explica Rosângela Fricke, gerente executiva de Segurança e Saúde para a Indústria do Sistema Fiep.

Ainda em 2019, a sanção da Lei de Liberdade Econômica (Lei 13.874/2019) determinou que o eSocial tenha uma nova configuração: “O Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (eSocial) será substituído, em nível federal, pelo sistema simplificado de escrituração digital de obrigações previdenciárias, trabalhistas e fiscais (Art. 16)”. Na prática, significa que o atual sistema será dividido em dois, sendo um exclusivo para envio de informações trabalhistas e previdenciárias, e outro para questões tributárias e fiscais.



Em razão dessa simplificação, em dezembro houve, ainda, o adiamento do calendário de obrigatoriedade para envio de eventos de folha de pagamento para alguns grupos. A mudança surgiu com o objetivo de adequação à Medida Provisória nº 905/2019 – Emprego Verde e Amarelo. “Com essa MP, o governo quis desburocratizar e facilitar a vida do empresário. O ponto é que muitas empresas investiram no eSocial, compraram sistemas e treinaram suas equipes. Por isso, o programa deve ser mantido. Porém, a parte de segurança e saúde ainda passa por constantes definições”, comenta Rosângela.

A gerente atribui essas mudanças não só ao movimento de desburocratização pelo qual o Brasil passa, como também à atualização de diversas normas regulamentadoras. “Desde 2009, a forma como as empresas trabalham mudou muito. Antes, não se falava em indústria 4.0 e algumas NRs não previam que pessoas poderiam trabalhar com máquinas. Também era proibido fazer treinamento em EaD sobre normas regulamentadoras. Agora, há robôs colaborativos, e cursos a distância têm surgido em grande número”, comenta a gerente. As normas, portanto, precisam contemplar um cenário tecnológico que não existia.



Empresas aceleram na adequação às normas

O eSocial veio para assegurar que as empresas cumpram o básico para garantir a segurança e a saúde dos colaboradores. Mas a motivação principal não deve ser o cumprimento da legislação. “Quando falamos em segurança e saúde, a motivação deve ser a preservação da vida e integridade física da equipe. O investimento nessas áreas é primordial para que as empresas desenvolvam suas atividades de forma sustentável, saudável e segura”, comenta Juliana Aparecida Mendes, supervisora de Saúde, Segurança e Meio Ambiente (SSMA) da Castrolanda.



“ NÃO SE FALAVA EM INDÚSTRIA 4.0 E ALGUMAS NRS NÃO PREVIAVAM QUE PESSOAS PODERIAM TRABALHAR COM MÁQUINAS. TAMBÉM ERA PROIBIDO FAZER TREINAMENTO EM EAD SOBRE NORMAS REGULAMENTADORAS. AGORA, HÁ ROBÔS COLABORATIVOS, E CURSOS A DISTÂNCIA TÊM SURGIDO EM GRANDE NÚMERO. ”

ROSÂNGELA FRICKE, GERENTE EXECUTIVA DE SEGURANÇA E SAÚDE PARA A INDÚSTRIA DO SISTEMA FIEP.



“ QUANDO FALAMOS EM SEGURANÇA E SAÚDE, A MOTIVAÇÃO DEVE SER A PRESERVAÇÃO DA VIDA E INTEGRIDADE FÍSICA DA EQUIPE. O INVESTIMENTO NESSAS ÁREAS É PRIMORDIAL PARA QUE AS EMPRESAS DESENVOLVAM SUAS ATIVIDADES DE FORMA SUSTENTÁVEL, SAUDÁVEL E SEGURA. ”

JULIANA APARECIDA MENDES, SUPERVISORA DE SAÚDE, SEGURANÇA E MEIO AMBIENTE (SSMA) DA CASTROLANDA.

Sediada em Castro, a empresa contratou os serviços do Sesi no Paraná para elaboração do Programa de Prevenção de Riscos Ambientais (PPRA), que é uma exigência legal. “Para o eSocial, estamos informatizando os documentos e acelerando a alimentação dos sistemas. Ajustamos políticas internas

e atualizamos os treinamentos da equipe”, explica. Para ela, apesar das constantes alterações no projeto, as atividades devem prosseguir. “Vamos continuar o trabalho que está em andamento e aguardar as mudanças que estão por vir. E contamos com o bom senso do governo, empresários e sociedade para a implantação efetiva”, completa.

Quem também está se preparando para o programa é a Bo Paper, produtora de papéis especiais com fibras termomecânicas, com sedes em Arapoti e Jaguariaíva. Em 2018, a empresa formou um comitê multidisciplinar para tratar dos assuntos de saúde e segurança do eSocial, composto por profissionais das áreas de Recursos Humanos e Segurança e Medicina do Trabalho.

Foi esse grupo que identificou a necessidade de uma consultoria especializada para realizar um diagnóstico de como a empresa estava em relação ao projeto do governo federal, assim como as ações que deveria realizar para ficar alinhada às exigências.



Crédito: Arquivo Pessoal

“ COM O APOIO DO SESI, PUDEMOS TER UMA VISÃO GERAL DE COMO ESTÁVAMOS E DO QUE PRECISAVA SER FEITO PARA DESENVOLVERMOS AÇÕES COM MAIS QUALIDADE, EFETIVIDADE E EXECUÇÃO, ALINHADAS COM AS NOVAS EXIGÊNCIAS DO ESOCIAL. ”

VIVIANE GONÇALVES, GERENTE DE GESTÃO DE PESSOAS DA BO PAPER.

“Com o apoio do Sesi, pudemos ter uma visão geral de como estávamos e do que precisava ser feito para desenvolvermos ações com mais qualidade, efetividade e execução, alinhadas com as novas exigências do eSocial”, comenta Viviane Gonçalves, gerente de Gestão de Pessoas. Após o diagnóstico, foi possível atualizar laudos e toda a documentação de saúde e segurança do trabalho. “Hoje também temos um sistema que nos possibilitou estarmos alinhados às exigências atuais”, completa.

Empresários devem ficar atentos a mudanças na legislação

Independentemente do programa, as empresas precisam estar atentas às mudanças nas NRs e cumprir a legislação. “Há itens básicos que o empresário deve fazer, como o PPRA, PCMSO (programa de controle médico de saúde ocupacional), CAT (comunicação de acidentes de trabalho), exames, entre outros. Isso não muda e já estava previsto antes do eSocial”, reforça a gerente de Segurança e Saúde do Sistema Fiep, lembrando que, em casos de fiscalizações mais rígidas, a empresa pode ser fechada caso não cumpra os requisitos legais.

Por isso, a recomendação é sempre acompanhar as mudanças nas NRs e participar de consultas públicas. No site do Sesi, o empresário pode ficar por dentro das novidades do eSocial e das normativas: sesipr.org.br/informacoes-sst.

A instituição também oferece diversos serviços, como consultorias e programas de prevenção e assistência à saúde. Saiba mais em sistemafiep.org.br/segurancaesaude. ■





TECNOLOGIA

A Revolução 5G

Como a quinta geração da conectividade móvel promete turbinar a transformação digital e reinventar a indústria

por Roberto Hammerschmidt

A próxima geração da conectividade móvel vem aí, marcando um salto gigantesco na capacidade tecnológica em relação ao 4G e com potencial de reinventar a maneira como trabalhamos. O 5G deve trazer velocidades mais rápidas, maior capacidade de rede e menor latência.

Mas engana-se quem pensa que ela se resume a suas capacidades técnicas: é uma revolução. A conexão 5G é apenas a ponta do iceberg do futuro que está por vir. “Trata-se de um dos pilares estruturantes da indústria 4.0”, afirma Fabrício Lopes, gerente executivo de Tecnologia e Inovação do Sistema Fiep.

A conectividade de alta velocidade da internet 5G promete trazer muitos dos projetos da atualidade à viabilidade. Se hoje testamos carros autônomos, por exemplo, é com ela que os planos de termos veículos que operam de forma independente serão concretizados. “O carro autônomo precisa de um tempo rápido de resposta para evitar acidentes. As trocas de informações têm que acontecer de forma veloz, e é isso que o 5G vai proporcionar”, afirma Janilson Bezerra Junior, head de Innovation & Business Development da TIM Brasil.

“O CARRO AUTÔNOMO PRECISA DE UM TEMPO RÁPIDO DE RESPOSTA PARA EVITAR ACIDENTES. AS TROCAS DE INFORMAÇÕES TÊM QUE ACONTECER DE FORMA VELOZ, E É ISSO QUE O 5G VAI PROPORCIONAR.”



Crédito: Divulgação TIM

JANILSON BEZERRA JUNIOR, HEAD DE INNOVATION & BUSINESS DEVELOPMENT DA TIM BRASIL.



Internet das coisas

A conexão de quinta geração vai tornar casas, indústrias e cidades inteligentes. Velocidades muito maiores do que a internet fibra ótica estarão disponíveis sem qualquer tipo de ligação a cabo, permitindo que qualquer dispositivo tenha acesso rápido e instantâneo à internet.

É a conexão 5G que vai concretizar a tecnologia internet das coisas (*internet of things*, IoT, na sigla em inglês). Isso significa que os mais diversos objetos vão se comunicar sem qualquer interferência humana e com resposta em tempo real. Além disso, ela terá um papel fundamental no futuro da indústria 4.0.

A empresa de pesquisa IHS Markit prevê que mais de 75 bilhões de dispositivos IoT estarão funcionando em 2025. Isso deve criar um impacto econômico para as fábricas inteligentes de US\$ 3,7 trilhões, de acordo com um relatório da McKinsey.

O 5G pode ajudar os fabricantes a otimizarem suas operações usando sensores de IoT para monitorar o desempenho de funcionários e equipamentos de forma a identificar melhorias nos processos de trabalho. Segundo uma pesquisa da International Data Corporation (IDC), a tecnologia IoT pode aumentar a produtividade na cadeia de suprimentos em 15%. Já segundo a Accenture, a utilização do monitoramento baseado na IoT também permite uma manutenção antecipada, reduzindo os custos gerais em até 30%.

A nova revolução industrial

A internet 5G vai abrir as portas para a conectividade remota de alta velocidade, e isso vai revolucionar setores inteiros. É verdade que já estamos em meio a uma mudança para uma era industrial mais inteligente e conectada, mas o 5G deve dar impulso a essa transformação, ajudando a inaugurar a quarta revolução industrial.

“A tecnologia 5G oferece uma ampla gama de possibilidades ainda a serem exploradas”, afirma Felipe Roberto de Lima, gerente de Regulamentação da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel). “Espera-se que no decorrer de sua implantação surjam aplicações inovadoras que se aproveitem do potencial tecnológico para introduzir serviços que ampliem a eficiência da indústria”, completa.

“ A TECNOLOGIA 5G OFERECE UMA AMPLA GAMA DE POSSIBILIDADES AINDA A SEREM EXPLORADAS. ”



FELIPE ROBERTO DE LIMA, GERENTE DE REGULAMENTAÇÃO DA AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES (ANATEL).

“Diferentemente de outras tecnologias, como a 4G, a quinta geração de internet móvel tem duas características fundamentais que atendem perfeitamente à indústria: a alta confiabilidade, de 99,999999%, e o baixo tempo de resposta: enquanto o 4G tem latência de dezenas de milissegundos, a do 5G é de menos de 1 milissegundo”, afirma Helio Akira Oyama, diretor de Gerenciamento de Produtos da Qualcomm, uma das empresas desenvolvedoras do protocolo 5G.

Em particular, o 5G terá um enorme impacto no setor industrial, que deve contar com uma infraestrutura cada vez mais conectada, além de aproveitar o melhor de novas tecnologias que necessitam de dados, como a inteligência artificial e o *machine learning*. Além disso, a tecnologia será fundamental para a expansão da automação das fábricas com o uso de dispositivos IoT e a visão computacional.

A latência baixa também será fundamental para permitir a operação remota de equipamentos. “A principal diferença do 5G é o rápido trânsito de dados na rede sem interferência, o que pode tornar o comando remoto de equipamentos possível na indústria 4.0 sem a preocupação com o tempo de resposta ou a perda de informação de comando por parte da rede”, afirma Ruan Patrick de Souza, analista de Desenvolvimento da Exsto, empresa de tecnologia que trabalhou em experimentos com a tecnologia 5G no Brasil. Isso permitirá, por exemplo, a automação de máquinas e o uso de robôs sem fios, ajudando a tornar as fábricas mais seguras.

A indústria atual é geradora de uma grande massa de dados, o que pode se tornar um problema, caso eles sejam perdidos ou mal utilizados. Além disso, a necessidade de acesso e o controle deles precisam ser facilitados e sem interferências. O 5G permitirá que sejam transmitidos em grande escala e sem cabeamento ou fibra ótica.

A quantidade de dados gerada pelo crescente número de dispositivos conectados também vai permitir que diversos insights sejam gerados – e isso só vai se tornar realidade graças à infraestrutura da rede 5G. A análise dessas informações pode trazer eficiência operacional e economia de custos, enquanto a logística também pode ser aprimorada com rastreamento em tempo real.

Desafios e oportunidades

Embora o panorama da tecnologia 5G seja promissor, ele apresenta diversos desafios. Um deles é a criptografia de dados e a segurança nos equipamentos industriais, já que grande parte desses aparelhos estarão conectados à internet, tornando o sistema volátil ao acesso a informações fabris. Dessa forma, a segurança é imprescindível.

Outro desafio é a necessidade de adquirir equipamentos compatíveis com a nova tecnologia, além ainda da

implementação e instalação dos softwares inteligentes que podem aproveitar o melhor da conexão 5G.

Mas as empresas ainda têm tempo para se prepararem, já que a Anatel prevê a realização da licitação de direitos de uso de radiofrequências em 2020, e a implementação da infraestrutura do 5G apenas em 2021. Isso significa que, embora a conexão de quinta geração ainda esteja dando seus primeiros passos, é possível começar a planejar o futuro desde já.

O Sistema Fiep oferece todo o suporte para a indústria definir suas estratégias de inovação e digitalização. “Nós indicamos quais são as tecnologias mais adequadas, que tipo de produto ela pode desenvolver a partir de uma rede 5G e como pode ser mais produtiva por meio da disponibilização da tecnologia”, afirma Fabrício Lopes.

“NÓS INDICAMOS QUAIS SÃO AS TECNOLOGIAS MAIS ADEQUADAS, QUE TIPO DE PRODUTO ELA PODE DESENVOLVER A PARTIR DE UMA REDE 5G E COMO PODE SER MAIS PRODUTIVA POR MEIO DA DISPONIBILIZAÇÃO DA TECNOLOGIA.”



FABRÍCIO LOPES,
GERENTE EXECUTIVO DE
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
DO SISTEMA FIEP.

“É preciso entregar produtos cada vez mais eficientes e de maior qualidade. Com o 5G, a indústria vai conseguir aumentar a produtividade de uma forma escalável, fazendo com que os preços e os custos associados à gestão sejam mais acessíveis”, completa Janilson Bezerra Junior. A mudança para fábricas hiperconectadas e fábricas inteligentes já pode ter começado, mas o 5G será essencial para tornar a indústria 4.0 uma realidade para todos. ■

bocuva
Virola bicuhyba
MYRISTICACEAE

Após coleta de sementes na floresta, mudas de espécies ameaçadas são cultivadas em viveiro no litoral do estado, em projeto encabeçado pela Porto Morretes.

SUSTENTABILIDADE

Muito além dos negócios

Preocupada com impactos causados pelo setor, destilaria Porto Morretes desenvolve projeto de reflorestamento no litoral paranaense

por Rodrigo Lopes

A preocupação com o desenvolvimento sustentável tem sido colocada no centro da estratégia de muitas indústrias. Mais do que o cumprimento de exigências legais, a implantação de alternativas para uma produção menos agressiva ao meio ambiente e a criação de projetos que contribuam para a preservação ambiental são cada vez mais reconhecidas pelos consumidores como diferenciais que agregam valor a marcas e produtos.

No Litoral do Paraná, a destilaria Porto Morretes, que desde 2003 atua na produção de cachaças orgânicas, vem demonstrando que iniciativas nesse sentido não são exclusividade de grandes indústrias. Com sede em uma propriedade cercada por Mata Atlântica, aos pés do Pico do Marumbi, a empresa já era exemplo de produção sustentável, a ponto de ser reconhecida internacionalmente como uma “zero-waste distillery”, ou destilaria de zero resíduo, pelo reaproveitamento que faz das sobras de sua produção. Há pouco mais de dois anos, a empresa foi além, buscou parceiros e iniciou um projeto para resgatar sementes e

cultivar mudas de plantas nativas da floresta que estão ameaçadas de extinção.

Fundador e um dos sócios da destilaria, Fulgêncio Torres Viruel explica que o projeto surgiu de uma preocupação sobre os impactos que o seu setor pode estar causando em florestas brasileiras. Isso porque para envelhecer as cachaças são utilizados barris feitos com diversas madeiras, que conferem diferentes sabores à bebida. Na Porto Morretes são mais de 400 barris, 98% deles de carvalho americano, madeira certificada proveniente de áreas de reflorestamento. Porém, quando procurou fornecedores de barris feitos com espécies brasileiras – como amburana, castanheira ou araribá –, nenhum deles garantiu a procedência da madeira. “Começamos a enxergar uma realidade de que não gostamos”, conta Torres. “Descobrimos que a maior parte das madeiras brasileiras que são utilizadas para envelhecimento de bebidas é de espécies ameaçadas, que estão em extinção ou tem o corte proibido. E isso vai contra o que a gente acredita e procura praticar aqui”, completa.

“DESCOBRIMOS QUE A MAIOR PARTE DAS MADEIRAS BRASILEIRAS QUE SÃO UTILIZADAS PARA ENVELHECIMENTO DE BEBIDAS É DE ESPÉCIES AMEAÇADAS, QUE ESTÃO EM EXTINÇÃO OU TEM O CORTE PROIBIDO. E ISSO VAI CONTRA O QUE A GENTE ACREDITA E PROCURA PRATICAR AQUI.”



FULGÊNCIO TORRES, FUNDADOR DA PORTO MORRETES.



Enriquecimento florestal

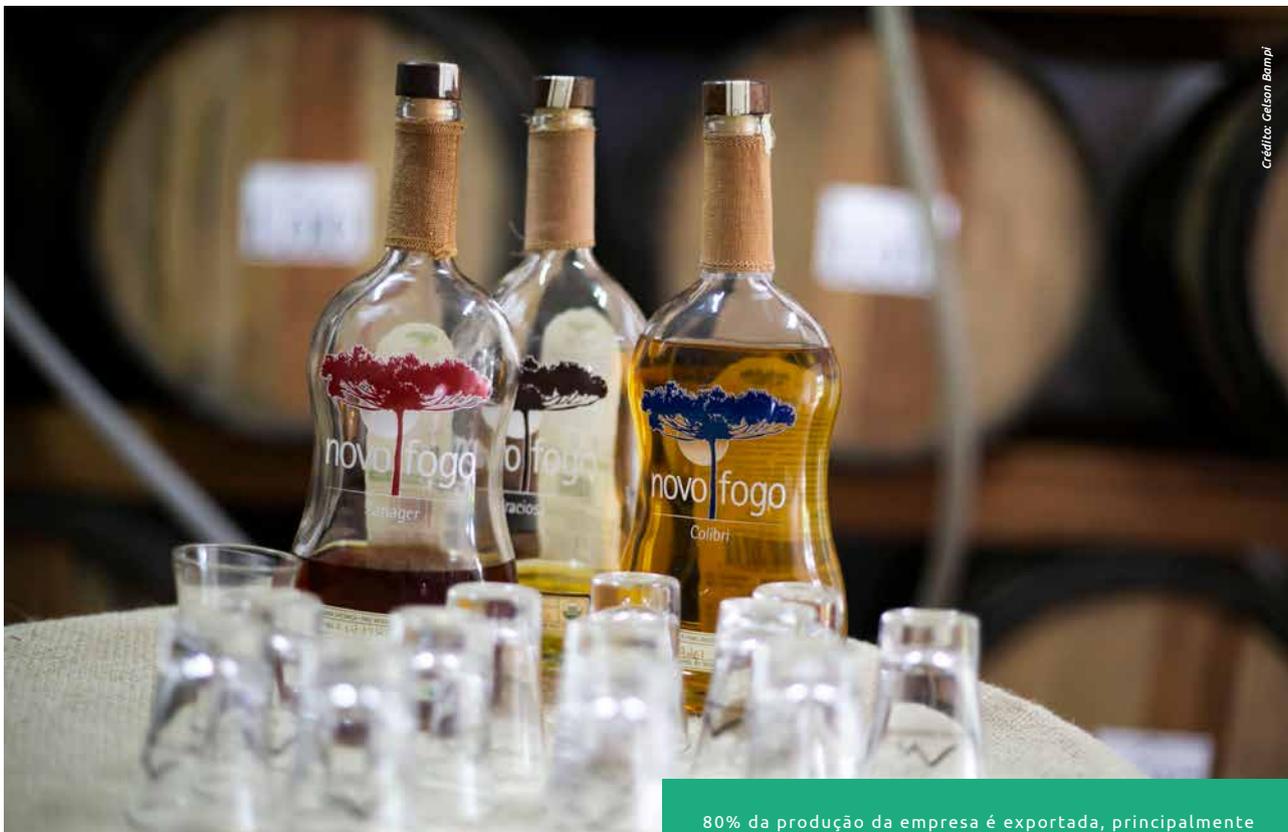
Esse cenário fez com que a empresa refletisse sobre seu papel na preservação das florestas. “Queremos começar a chamar a atenção de quem está neste mercado de que é importante olhar para isso, senão daqui a pouco nossos clientes vão começar a perguntar de onde vem essa madeira, se você está ajudando a desflorestar”, afirma Torres. Foi então que surgiu o projeto de enriquecimento florestal Un-Endanger: Salvando Árvores da Extinção.

Para sua concepção técnica, foi feita uma parceria com o Instituto Hórus de Desenvolvimento e Conservação Ambiental. Organização não governamental dirigida pela engenheira florestal Sílvia Ziller, o Hórus realizou uma pesquisa para definir uma listagem de espécies que seriam prioritárias ou relevantes para a produção. “A base conceitual desse projeto se fundamenta na questão de que a Floresta Atlântica, como as outras florestas no Sul do Brasil, foi muito explorada no passado”, explica Sílvia. “Então essas espécies, que eram de madeiras nobres, foram muito retiradas da floresta. As populações hoje são pequenas e elas não produzem semente suficiente para que a floresta tenha um funcionamento normal como costumava ter antes dessa exploração”, acrescenta.

Com o auxílio de um profissional especializado em botânica, incursões na Mata Atlântica têm sido feitas regularmente para coleta de sementes dessas espécies ameaçadas. Em seguida, elas são levadas a um viveiro, criado junto com outro parceiro: o Ekôa Park, instalado em uma área de 238 hectares de floresta nativa, também em Morretes. Lá, a produção começou em março de 2019, tendo gerado, até o fim do ano, aproximadamente mil mudas de oito espécies.

A diretora-geral do Ekôa, Tatiana Perim, explica que, a partir do momento em que as mudas estão prontas para o plantio, são procurados novos parceiros que possuem áreas de mata nativas, com o objetivo de ampliar a disseminação das espécies ameaçadas. “Poderíamos plantar tudo aqui, mas o ideal é que isso seja disseminado, que tenhamos vários indivíduos, em vários lugares diferentes, para que eles também propaguem”, afirma. Donos de pousadas, chácaras e restaurantes de Morretes já foram contatados para isso e recebem toda a orientação técnica necessária sobre como plantar essas mudas.





Crédito: Gelson Bampi

80% da produção da empresa é exportada, principalmente para os Estados Unidos, com a marca Novo Fogo.

Diferencial no mercado

Além de todo o mérito de recuperação da Mata Atlântica, o projeto tem o potencial de criar ainda mais valor para a destilaria, especialmente nos Estados Unidos, principal mercado de seus produtos, onde atua com a marca Novo Fogo. Hoje a empresa exporta 80% de sua produção. “O projeto interessou muito aos nossos parceiros nos Estados Unidos. É muito forte para o consumidor americano esse apelo de que a gente tem uma consciência ambiental, de que estamos de fato fazendo coisas que impactam o ambiente”, afirma Torres. “Existem várias tendências acontecendo, como a de atender outros aspectos do negócio que não sejam só o lucro. Se você for contra, o mundo vai mudando, você fica para trás e as pessoas daqui a pouco não ligam mais para você”, conclui.

“ EXISTEM VÁRIAS TENDÊNCIAS ACONTECENDO, SE VOCÊ FOR CONTRA, O MUNDO VAI MUDANDO E VOCÊ FICA PARA TRÁS. ”

FULGÊNCIO TORRES, FUNDADOR DA PORTO MORRETES.

“ É PRECISO AJUSTAR A CONDUTA, E QUEM JÁ ESTÁ COM A CONDUTA AJUSTADA SAI ANOS-LUZ NA FRENTE. ”



Crédito: Gelson Bampi

TATIANA PERIM, DIRETORA DO EKÔA PARK.

Para Tatiana Perim, do Ekôa Park, todas as empresas precisam fazer essa contabilidade do impacto ambiental de suas atividades. “O Brasil hoje está muito malvisto na questão do meio ambiente e isso pode pesar no bolso. É preciso ajustar a conduta, e quem já está com a conduta ajustada sai anos-luz na frente”, diz. ■



RESPONSABILIDADE SOCIAL

Responsabilidade social colocada em prática

Por meio do Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial, empresas compartilham experiências e desenvolvem ações socioambientais

por Priscila Aguiar

De acordo com o IBGE, a desigualdade aumentou no Brasil em 2018. De toda a renda do país, 40% está concentrada nas mãos de 10% da população, e a renda dos mais ricos é 33,8 vezes maior que a média dos 50% mais pobres. Contribuir para melhorar esse quadro é um desafio constante, e as empresas têm percebido que podem ajudar a sociedade a ser mais sustentável. “Não adianta focarmos numa indústria forte sem olharmos os problemas socioeconômicos e fortalecermos o Brasil”, explica Rosane Fontoura, coordenadora de Ações Estratégicas do Sistema Fiep.

“NÃO ADIANTA FOCARMOS NUMA INDÚSTRIA FORTE SEM OLHARMOS OS PROBLEMAS SOCIOECONÔMICOS E FORTALECERMOS O BRASIL.”



ROSANE FONTOURA, COORDENADORA DE AÇÕES ESTRATÉGICAS DO SISTEMA FIEP.

Preocupada com esse cenário, a curitibana Hi Technologies integrou, há oito anos, o Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial (CPCE), organização ligada ao Sistema Fiep que fomenta a responsabilidade social e a sustentabilidade das instituições. A iniciativa, que em 2019 completou 15 anos, promoveu mais de 620 palestras, seminários e workshops no Paraná, todos abertos para a comunidade e em sua maioria gratuitos.



Com o desenvolvimento do Hilab, aparelho que coleta sangue de forma mais rápida e barata e está disponível em farmácias de todo o Brasil, a Hi Technologies facilita o acesso ao diagnóstico para a população.

A troca de experiências e os conhecimentos adquiridos nesses eventos inspiraram Marcus Figueredo, CEO da Hi Technologies, a realizar, em 2016, mudanças na estratégia de sua companhia. “Buscamos um alinhamento com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente o terceiro, que visa assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos”, explica.

Comprometida com a redução da mortalidade infantil e materna, bem como com a diminuição das doenças infecciosas e crônicas, a empresa desenvolveu o Hilab, um aparelho encontrado em farmácias de 150 cidades que realiza coleta de sangue no local de forma rápida, com laudos emitidos pelo laboratório da própria empresa em cerca de 10 minutos. Os exames permitem diagnósticos diversos, que vão do controle de glicemia à identificação do HIV.

Mas a principal vantagem é o preço das coletas, bem inferior ao cobrado por laboratórios convencionais. “Vivemos em um cenário de segregação do ponto de vista de saúde, já que 75% da população brasileira não tem plano de saúde. Sem acesso a consultas e a exames de sangue, as pessoas não conseguem descobrir nem controlar as doenças”, explica o empresário. Ele acredita que o Hilab é uma forma da empresa contribuir para mudar esse panorama.

“VIVEMOS EM UM CENÁRIO DE SEGREGAÇÃO DO PONTO DE VISTA DE SAÚDE, JÁ QUE 75% DA POPULAÇÃO BRASILEIRA NÃO TEM PLANO DE SAÚDE. SEM ACESSO A CONSULTAS E A EXAMES DE SANGUE, AS PESSOAS NÃO CONSEGUEM DESCOBRIR NEM CONTROLAR AS DOENÇAS.”



MARCUS FIGUEREDO, CEO DA HI TECHNOLOGIES, DESENVOLVEDORA DO HILAB, APARELHO QUE TORNA A REALIZAÇÃO DE EXAMES MAIS ACESSÍVEL.

Da promoção da sustentabilidade ao apoio a investimentos sociais

Do Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial participam 273 organizações de diversos portes e segmentos, das regiões de Curitiba, Ponta Grossa, Cascavel, Maringá e Londrina. E para fazer parte, é necessário comprovar ações de responsabilidade social corporativa. “O CPCE é um fórum de compartilhamento de boas práticas, com o objetivo de reunir pessoas para mudar o mundo e fazer com que as empresas entendam seu papel transformador”, define o CEO da Hi Technologies.

Entre as frentes de atuação estão a promoção da sustentabilidade e da educação em toda a cadeia de valor, o apoio a investimentos sociais e o fomento à diversidade. Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) – iniciativa da ONU que aborda equidade, responsabilidade social, consciência ambiental, acesso à educação e promoção da saúde – permeiam as atividades do grupo e são temas de suas diversas ações, assim como o Pacto Global, maior iniciativa de sustentabilidade corporativa do mundo.

Paulo Pereira Lima, diretor da empresa de construção civil Engblock, de Maringá, coordena as atividades em sua região. Participante há quase dez anos, tem percebido mais

comprometimento das companhias em relação aos objetivos de desenvolvimento sustentável. “No começo, o grupo era mais focado em apresentar os ODS, e hoje tenho notado que eles já vêm sendo colocados em prática pelas empresas”, conta.

“ NO COMEÇO, O GRUPO ERA MAIS FOCADO EM APRESENTAR OS ODS, E HOJE TENHO NOTADO QUE ELES JÁ VÊM SENDO COLOCADOS EM PRÁTICA PELAS EMPRESAS. ”



PAULO PEREIRA LIMA, COORDENADOR DO CPCE DA REGIÃO DE MARINGÁ.





Além dos eventos e treinamentos que promove, o CPCE Maringá elaborou o programa Incentive o Bem, para divulgar a destinação fiscal e aumentar a arrecadação para projetos sociais. “No site do Incentive o Bem também são divulgadas as iniciativas locais; há, ainda, um simulador para entender como apoiar ações sociais por meio da destinação fiscal.”

Sediada em Londrina, a Fiação de Seda Bratac S.A. foi convidada para integrar o conselho em 2018 pelas suas práticas socioambientais. “Além de conscientizar nossa equipe sobre temas ambientais, atuamos com os produtores rurais, auxiliando-os na regularização de propriedade, emissão de nota fiscal, apoio à aposentadoria, entre outros temas”, explica Renata Amano, diretora do Conselho de Administração da empresa. Assim que ingressou no grupo, ela também assumiu a diretoria regional do CPCE em Londrina.

Para Renata, olhar para questões socioambientais deve ser uma premissa das organizações. “Como empresários, temos a tendência de focar no lado econômico, e o CPCE nos ajuda a enxergar com mais clareza as questões de responsabilidade social à medida que compartilhamos experiências com outros participantes”, comenta a empresária.

“ ELES DISPONIBILIZARAM UM TÉCNICO PARA VISITAR AS INSTALAÇÕES, FORNECERAM MUDAS E ATÉ HOJE PRESTAM O APOIO DE QUE A GENTE NECESSITA. ”

SÔNIA KAWKA, PRODUTORA DE BICHO-DA-SEDA EM ARAPONGAS.

O casal de pequenos produtores Sônia e Valter Kawka, de Arapongas, no Norte do Paraná, atua no cultivo do bicho-da-seda há três anos. Eles contam que a Bratac deu todo o suporte desde o início do negócio. “Conhecemos a empresa por meio de indicação de amigos e logo que a procuramos fomos muito bem atendidos e recebemos toda a atenção necessária para que tirássemos o nosso projeto do papel”, afirma Sônia. “Eles disponibilizaram um técnico para visitar as instalações, forneceram mudas e até hoje prestam o apoio de que a gente necessita. Já recebemos até visitas de produtores do Japão. Meu filho que cursa Agronomia nos ajuda aqui com o cultivo e trabalha como técnico na Bratac, inclusive. Eu só tenho a agradecer”, completa.

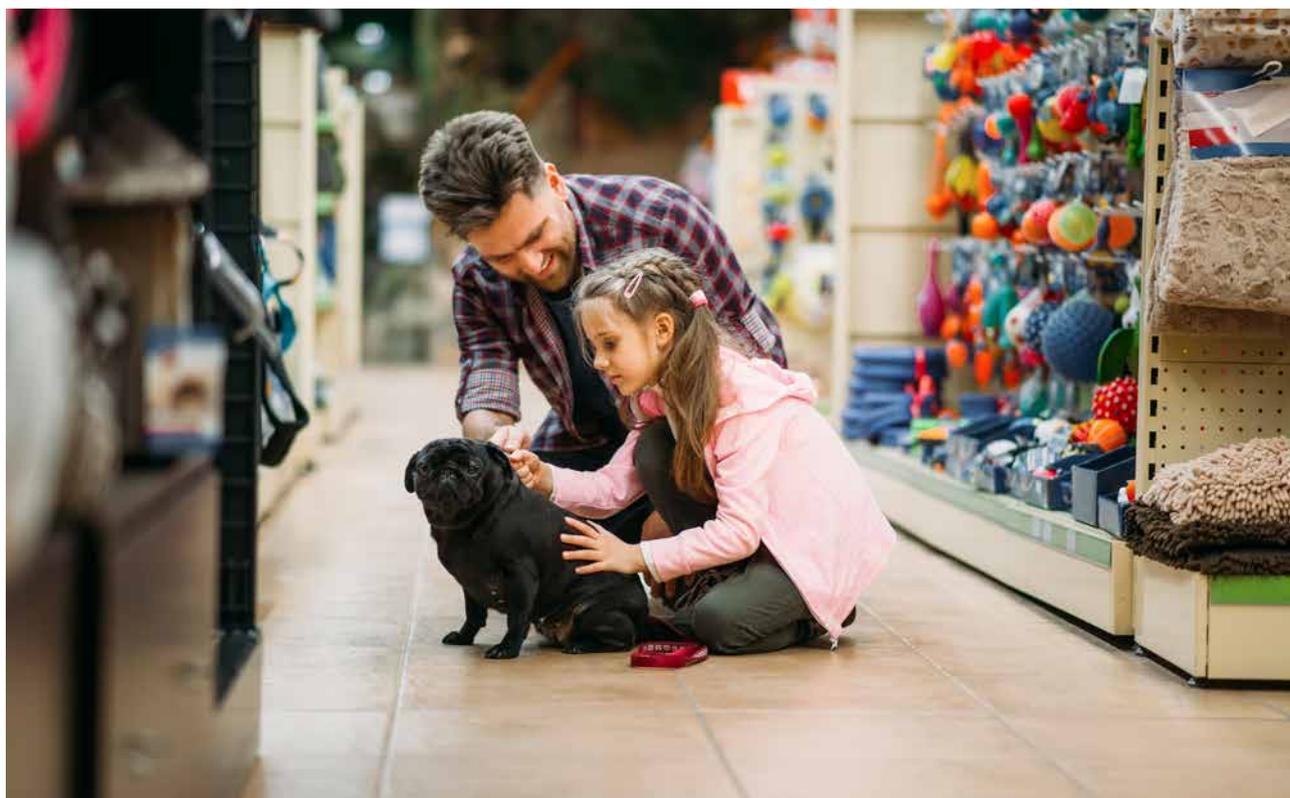
Para saber mais sobre o CPCE, acesse fiepr.org.br/cpce. ■



Crédito: Azeite

“ COMO EMPRESÁRIOS, TEMOS A TENDÊNCIA DE FOCAR NO LADO ECONÔMICO, E O CPCE NOS AJUDA A ENXERGAR COM MAIS CLAREZA AS QUESTÕES DE RESPONSABILIDADE SOCIAL À MEDIDA QUE COMPARTILHAMOS EXPERIÊNCIAS COM OUTROS PARTICIPANTES. ”

RENATA AMANO, DIRETORA REGIONAL DO CPCE EM LONDRINA.



Negócio animal

Mercado pet é impulsionado por investimentos em inovação e pioneirismo

por Douglas Luz

Oportunidade. Basicamente essa é a palavra que determinou o nascimento da docg. – empresa especializada em cosméticos para pets. Há três anos no ramo, atua diretamente com pesquisa, marketing, produção, franchising, atacado e varejo. Atualmente, é primeira em venda direta no segmento no Brasil.

Mas a vivência com o dia a dia dos pets é antiga. De acordo com Juliano Cortes, CEO da empresa, antes mesmo de partir para este nicho de mercado, foram mais de 15 anos em outra instituição, lidando com animais com problemas de dermatite, causados por banhos mal realizados. “Com esse aprendizado, achamos coerente começarmos uma nova empresa onde pudéssemos melhorar a qualidade de vida dos pets, com produtos de altíssima qualidade”, comenta.

A docg. iniciou suas atividades no Paraná, mas já tem abrangência nacional. São 16 franqueados no total, com presença nos grandes varejistas do mercado. Tem como compromisso melhorar a qualidade de vida dos animais, promovendo mais beleza, saúde e segurança. Para isso, desenvolve produtos inovadores, com qualidade e procedência garantidas. Os produtos são criados por doutores em saúde e nutrição animal e a principal missão é a prevenção dos principais problemas de saúde que acometem os pets.



Há três anos no mercado de cosméticos para pet, a docg. conta com 16 franqueados para distribuição dos seus produtos no País.

Parceria com o Senai

Cortes contou que soube que o Senai oferece consultoria para captação de recursos, buscou mais informações e, por meio da consultoria de pesquisa e desenvolvimento em inovação do Sistema Fiep, por dois anos e meio, conseguiu um aporte de R\$ 5 milhões junto ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). “Sem o Senai jamais teríamos conseguido realizar uma captação direta como o BNDES. Eles foram primordiais para resolvermos necessidades de capital do negócio”, ressalta.

“ SEM O SENAI JAMAIS TERÍAMOS CONSEGUIDO REALIZAR UMA CAPTAÇÃO DIRETA COMO O BNDES. ELES FORAM PRIMORDIAIS PARA RESOLVERMOS NECESSIDADES DE CAPITAL DO NEGÓCIO. ”

JULIANO CORTES,
CEO DA DOCG.



Segundo Cláudia Rocha, consultora de Inovação do Sistema Fiep, o trabalho realizado foi muito interessante. “Hoje já estamos pensando em uma nova rodada de captação para o crescimento da empresa. Nosso trabalho contribuiu e está contribuindo ainda para que o negócio da docg. chegue em outros patamares, principalmente com a internacionalização”, salienta.



“ PARA QUE A EMPRESA POSSA ACESSAR AS LINHAS DE CRÉDITO INCENTIVADAS, ELA TEM QUE SER INOVADORA EM SEUS PRODUTOS, PROCESSOS E/ OU SERVIÇOS, E A EMPRESA PREENCHEU TODOS ELES. ”

CLAUDIA ROCHA, CONSULTORA DE
PESQUISA E DESENVOLVIMENTO
EM INOVAÇÃO DO SISTEMA FIEP.

De acordo com ela, o Sistema Fiep, a partir das consultorias realizadas pelo Senai, auxilia as empresas no desenvolvimento do seu produto por meio do Edital de Inovação da Indústria, pelo qual podem desenvolver suas ideias em conjunto com os Institutos de Inovação (ISIs) e de Tecnologia (ISTs), praticamente sem custo. “O modelo de negócio da docg. é bastante inovador. Por isso, conseguimos auxiliá-la na captação de recursos. Para que a empresa possa acessar as linhas de crédito incentivadas, ela tem que ser inovadora em seus produtos, processos e/ou serviços, e a empresa preencheu todos eles”, destaca.

O coordenador de Tecnologia e Inovação do Sistema Fiep, Tiago Nascimento, comentou que a instituição possui uma ampla capacidade de atender à diversidade da indústria, não somente em demandas específicas. “Entender o que o cliente tem como objetivo é o ponto-chave para desenhar a melhor solução. Estamos preparados para acelerar negócios, gerando alto impacto e contribuindo para aumentar a competitividade da indústria por meio de diversas ferramentas de inovação”, afirma.



“ ESTAMOS PREPARADOS PARA ACELERAR NEGÓCIOS, GERANDO ALTO IMPACTO E CONTRIBUINDO PARA AUMENTAR A COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA POR MEIO DE DIVERSAS FERRAMENTAS DE INOVAÇÃO. ”

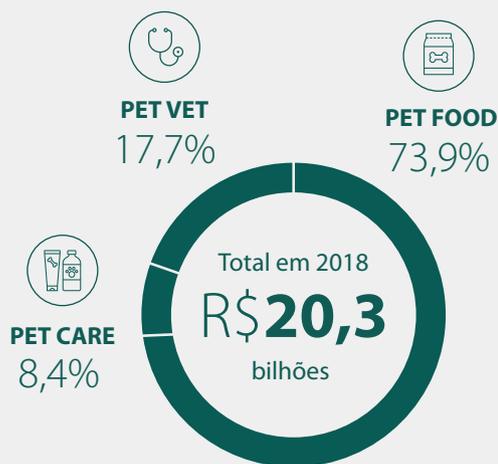
TIAGO NASCIMENTO, COORDENADOR DE TECNOLOGIA E INOVAÇÃO DO SISTEMA FIEP.

O mercado pet no Brasil

Dados da Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (Abinpet) apontam que o Brasil tem a segunda maior população de cães, gatos e aves canoras e ornamentais em todo o mundo, além de ser o terceiro maior País em população total de animais de estimação. O setor é composto por indústrias e integrantes da cadeia de distribuição dos segmentos de alimentos (pet food), medicamentos veterinários (pet vet) e cuidados com saúde e higiene do pet (pet care). Hoje, este mercado já representa 0,36% do PIB brasileiro, à frente dos setores de utilidades domésticas e automação industrial. Em 2018, a indústria de produtos para animais de estimação faturou R\$ 20,3 bilhões. São 54,2 milhões de cães, 23,9 milhões de gatos, 19,1 milhões de peixes, 39,8 milhões de aves e mais 2,3 milhões de outros animais. ■



Os produtos da docg. buscam melhorar a qualidade de vida dos pets.



Crescimento 2017/2018 por segmento:



Fonte: Abinpet



Visitas internacionais na Fiep

Novembro de 2019



O presidente da Fiep, Carlos Valter Martins Pedro, recebeu a visita da Câmara Ítalo-Brasileira. Na pauta da conversa, discussões sobre as possibilidades de cooperação entre a Itália e o Brasil, em especial o Paraná.



O gerente executivo de Assuntos Internacionais do Sistema Fiep, Reinaldo Tockus, recebeu a visita do embaixador da República Dominicana no Brasil, Alejandro Arias Zarzuela, no Campus da Indústria, em Curitiba. O encontro teve como objetivo articular parcerias entre as duas nações, além de atrair investimentos de indústrias paranaenses para o País caribenho.



A delegação de representantes da República Tcheca esteve na Fiep com interessados em investir no Brasil e especificamente no Paraná. O grupo, liderado pelo deputado federal Pavel Juricek, presidente do Comitê de Ciência e Inovação do Parlamento da República Tcheca, foi recebido pelo vice-presidente da Fiep e presidente do Sindimetal Paraná, Alcino Tigrinho, e pelo gerente executivo de Assuntos Internacionais da Federação, Reinaldo Tockus.



O embaixador da União Europeia, Ignacio Ybáñez, esteve na Instituição para conhecer a estrutura de educação e inovação nas instalações do Campus

da Indústria, com vistas a futuras parcerias. A relação foi estreitada a partir do fortalecimento das atividades da Rede Europeia de Centros e Hubs de Pesquisa e Inovação (Enrich in Brazil), no Brasil. A instalação da unidade brasileira foi em Brasília e é presidida por Filipe Cassapo, gerente de Inovação do Sistema Fiep.

Dezembro de 2019



A Fiep recebeu o embaixador da Alemanha no Brasil, Georg Witschel. Foi uma visita de cortesia em agradecimento à parceria que a instituição mantém com o País, em especial com o estado de Baden-Württemberg, que já dura 30 anos. O embaixador foi recebido pelo presidente da Fiep, Carlos Valter Martins Pedro, que destacou o fato de a Alemanha ser o principal parceiro internacional da Federação.



O gerente-executivo de Assuntos Internacionais do Sistema Fiep, Reinaldo Tockus (à esquerda); o presidente do Sistema Fiep, Carlos Valter Martins Pedro (ao centro); e o embaixador da Alemanha no Brasil, Georg Witschel.



Lideranças das principais entidades do setor produtivo paranaense fizeram um balanço do ano e discutiram ações para 2020.

G7 traça prioridades para 2020

O G7, grupo que reúne as principais entidades do setor produtivo paranaense, em sua última reunião, no fim de 2019, fez um balanço do desempenho de seus segmentos durante o ano e traçou algumas prioridades para a atuação do grupo no início de 2020.

Em relação a temas que impactam o ambiente de negócios paranaense e brasileiro, a prioridade do grupo é acompanhar e opinar sobre a Reforma Tributária, que deve entrar na pauta do Congresso Nacional. Questões relacionadas à infraestrutura de transportes, além de melhorias na malha ferroviária, também estão no foco das articulações do G7. ■



Sindimetal-PR sexagenário

O Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Paraná (Sindimetal-PR) celebrou no dia 28 de novembro de 2019 seus 60 anos de fundação. Na solenidade, realizada na sede da instituição, em Curitiba, foram homenageados empresários que contribuíram com a história do sindicato, que hoje representa mais de 2,5 mil indústrias do setor, instaladas em 80 municípios.

O presidente do Sindimetal-PR, Alcino Tigrinho, contou que a história do sindicato começou muito antes de 1959, ano de sua fundação, lembrando a atuação dos primeiros ferreiros e fundições que se instalaram no Paraná. Além disso, destacou que a união das indústrias proporcionada pela instituição é fundamental para aprimorar o setor.



O presidente do Sistema Fiep, Carlos Valter (à direita), entregou homenagem ao presidente do Sindimetal-PR, Alcino Tigrinho.

Sindicatos têm novas diretorias

Alguns sindicatos começam 2020 com novos diretores. Confira a lista ao lado:

SINDICATO	SIGLA	PRESIDENTE
Sindicato da Indústria e Adubos e Corretivos Agrícolas no Estado do Paraná	Sindiadubos	Aluísio Schwartz Teixeira
Sindicato da Indústria da Construção Civil do Oeste do Paraná	Sinduscon Oeste	Ricardo Lora
Sindicato das Indústrias Gráficas do Estado do Paraná	Sigep	Edson Benvenho
Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Paraná	Sindileite	Marco Antônio Galassini da Silva
Sindicato da Indústria da Madeira de Imbituva	Simadi	Paulo Roberto Pupo
Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Ponta Grossa	Sindimetal Ponta Grossa	Álvaro Luiz Scheffer
Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria dos Campos Gerais	Sindpan	Luiz Alberto Scheifer
Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos, Peças e Acessórios para Veículos de Cascavel	Sindirepa Cascavel	Jacir Garcia das Chagas
Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado do Paraná	Sindirepa PR	Wilson Bill
Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos, Acessórios e Retificadores de Motores do Norte do Paraná	Sindirepa Norte	Maurício Troyani
Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios de Toledo	Sindirepa Toledo	Nedir Nojehovski
Sindicato das Indústrias de Serrarias, Carpintarias, Tanoarias, Madeiras Compensadas, Laminados e de Marcenarias de Palmas	Sindipal	Roni Junior Marini
Sindicato da Indústria da Tecnologia da Informação do Estado do Paraná	TI Paraná	Gilmar Machado
Sindicato da Indústria do Trigo no Estado do Paraná	Sinditrigo	Daniel de Azevedo Kümmel
Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado do Paraná	Sivepar	Guilherme Hakme
Sindicato das Indústrias de Serrarias, Carpintarias, Tanoarias, Madeiras Compensadas e Laminadas, Aglomerados e Chapas de Fibras de Madeira e de Marcenaria de Telêmaco Borba	Sindimatel	Rangel Hornung
Sindicato das Indústrias de Vidros, Cristais, Espelhos, Cerâmicas de Louça e Porcelana do Estado do Paraná	Sindilouça	Fábio José Germano da Silva

Até o fechamento da edição, alguns sindicatos ainda não haviam enviado as informações sobre os novos diretores.



EDUCAÇÃO EXECUTIVA PARA A INDÚSTRIA

O processo produtivo da sua indústria pode ser mais dinâmico com as soluções em educação e inovação do IEL.

As consultorias promovem a transformação e a gestão da inovação, e os líderes formados pelo programa de Educação Executiva direcionam sua empresa para o empreendedorismo.

Isso é educação executiva. Isso é o IEL promovendo um ciclo sustentável de conhecimento e produção.

Acesse:
sistemafiep.org.br/educacao/graduacao

Sistema Fiep  **IEL** 



DEFESA DA INDÚSTRIA

A Fiep atua na cadeia de valor das empresas, defendendo os interesses da indústria para gerar possibilidades de negócios e promover seu desenvolvimento.

Faz isto apoiando projetos e regulamentações benéficos para cada setor, capacitando empresários e fortalecendo a produção local.

Isso é representatividade. Isso é a Fiep incentivando a indústria paranaense.

Acesse:
sistemafiep.org.br/representatividade

Sistema
Fiep

FIEP
SESI
SENAI
IEL

FIEP